

O AUTÔMATO

EDIÇÃO 01

CONTOS DE
HALLOWEEN



STEAMPUNK

STEAMPUNK



Copyright © 2023

Todos os direitos reservados.

Edição e Diagramação: Allan F. F. Gouvea

Leitura crítica e preparação de originais: Allan. F. F. Gouvea e Marieddie

Revisão: Marieddie e Allan F. F. Gouvea

Capa: Allan F. F. Gouvea (com auxílio de IA)

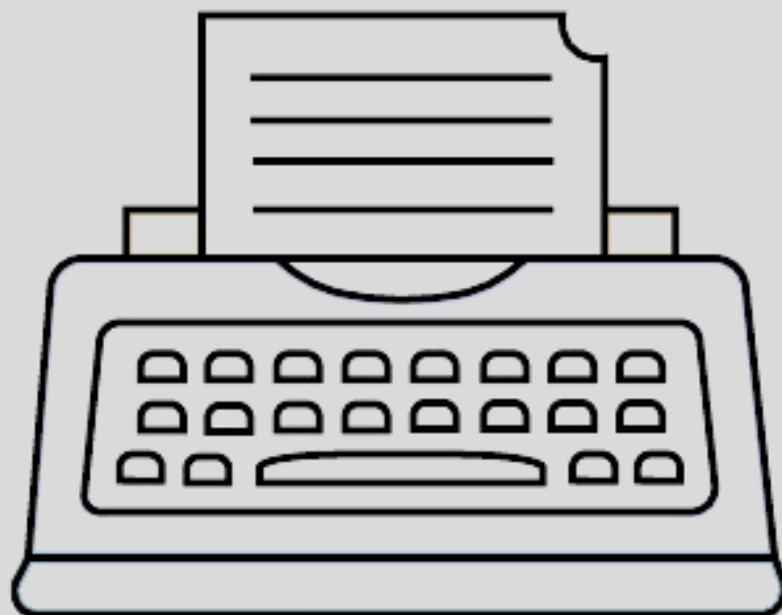
Ilustrações internas: Thays Diniz e Allan F. F. Gouvea

Autores:

Allan F. F. Gouvea, Biana Vendramini, Ellen Fernandes, Flávia Sanchez, João Neto, Manu Silva, Marieddie, Myllene Wan Der Maas, Silva Writer, Thays Diniz

SUMÁRIO

Editorial	05
Circo dos Horrores – Myllene Wan Der Maas	07
Entre o Ver e o Ser – Marieddie	15
Cecília e Lucrécio – João Neto	22
Funeral de uma Morta-Viva – Flávia Sanchez	33
Ly Amunet – Ellen Fernandes	38
O Resgate da Princesa Thalia – Allan F. F. Gouvea	43
Massacre da casa número 4 – Manu Silva	53
O caso do hóspede ao acaso – Biana Vendramini	62
Serra do Rola-Moça – Thays Diniz	69
O Canavial – Silva Writer	74



EDITORIAL

Foi em 2020, no auge do isolamento social, que um grupo de escritores independentes se conheceu no mundo digital, compartilhando o interesse pela literatura. Sem muitas alternativas devido à pandemia, escrever histórias foi uma das maneiras de não somente passarmos o tempo, mas também de sobrevivermos da forma mais leve possível ao momento em que o mundo se encontrava.

Os primeiros contatos entre os integrantes do referido grupo ocorreram nas plataformas de escrita, onde novos autores costumam tentar seu lugar ao sol. Incontáveis desafios de escrita foram realizados entre nós, fomentando tanto nossa produção literária quanto nossas interações. Entre leituras e comentários, surgiram longas conversas sobre diversos assuntos e, desse modo, a amizade se fortaleceu.

Três anos após nos conhecermos, tivemos a ideia de criar uma revista digital para publicarmos juntos algumas de nossas histórias. Desse modo, surgiu o “O Autômato”, um projeto feito para nossa satisfação pessoal, porém, nutrindo a esperança de outras pessoas se interessarem pela leitura.

O nome da revista possui inspirações tanto na literatura quanto no mundo real. Trata-se de uma referência ao autômato de *A Invenção de Hugo Cabret*, livro escrito por Brian Selznick e posteriormente adaptado para o cinema. Nele somos apresentados a um autômato mecânico capaz de escrever e desenhar. O autor se inspirou em autômatos reais construídos ao longo da história, um exemplo conhecido é o Autômato de Maillardet, pertencente à coleção do *Franklin Institute*. Segundo as notas finais do livro de Selznick, este autômato é capaz de desenhar quatro ilustrações e escrever três poemas, além de assinar o nome de seu construtor. Construtos semelhantes foram fabricados nos últimos séculos, exercendo funções de escrita, como o *The writing hand*, de 1764, cujo mecanismo permite mover uma caneta, mergulhá-la em um tinteiro e escrever uma frase em um papel.

Naturalmente estas invenções são incapazes de produzir textos por conta própria, apenas escrevem o que foi previamente configurado por seus inventores. A ideia, portanto, é que nosso Autômato seja uma ferramenta para registrar as histórias escritas por nossos autores. Cada texto publicado em nossa revista é produto da criatividade e habilidade humana, tendo O Autômato a função de transcrevê-la, para ser apresentada ao público.

Como pontapé inicial, fizemos esta primeira edição com histórias escritas pelos integrantes do nosso grupo. Aproveitando a época auspiciosa do final de outubro, decidimos produzir uma edição de Halloween, publicando contos de terror, alguns deles tendo surgido justamente em nossos desafios internos nas plataformas de escrita. No entanto, nosso objetivo era tornar a revista maior que nosso grupo, publicando também, em edições futuras, produções literárias de autores nacionais que tenham despertado o desejo de participar dessa jornada.

Por fim, esperamos que vocês, caros leitores, se divirtam com as histórias contidas nesta primeira edição da nossa revista, e encontrem nelas algo que lhes possa agregar algum valor, mesmo que somente alguns instantes de entretenimento.

Equipe O Autômato

Circo dos Horrores

Por Myllene Wan Der Maas

Venham!

Venham!

Sejam muito bem-vindos!

Por favor, não tenham medo!

Fiquem à vontade!

Fiquem confortáveis!

E aproveitem o nosso espetáculo!

Sejam bem-vindos ao nosso Circo dos Horrores!

Temos de tudo aqui! Todos os tipos de atrações que pensarem, aqui existe!

Apresento a vocês, as gêmeas macabras! Elas são unidas pelo tronco e pelas pernas. Não! Não! Tomem cuidado! Elas podem ter esse belo rosto inofensivo, mas elas são perigosas. Nasceram deformadas graças à maldição de uma feiticeira voodoo. Elas não são apenas unidas, elas têm dentes de animais. Vejam por si mesmos! Olhem! Os dentes pontiagudos! Tivemos de acorrentá-las para que não matassem e comessem outros colegas de trabalho do nosso amado circo!

Venham! Venham!

Ainda tem mais! Acompanhem!

E, por favor, não tenham medo!

Fiquem à vontade!

Fiquem confortáveis!

E aproveitem o nosso espetáculo!

Os mais sinistros estão aqui! Vejam!

Esse é o Jack, o Estripador. Oh, sim, minha senhora. Ele foi um monstro na Inglaterra, não é mesmo? Mas, aqui está ele, preso e cativo. Sendo uma de nossas atrações principais. Estão vendo como ele conseguiria matar suas vítimas? Sim, exato! Ele é um monstro, em forma de lagarto gigante, de cor avermelhada! Ele enforcava suas vítimas e, então, as abria e comia seus órgãos, para sobreviver. Venham! Olhem bem. Viram só? Eu joguei um pedaço de fígado de porco, recém-abatido. Viram como ele foi violento ao comer. Não, criancinha, não! Não se aproxime da jaula! Ele é perigoso!

Venham! Podem vir!

Vejam só, ainda há muito mais!

Não tenham medo!

Fiquem à vontade!

Fiquem confortáveis!

E aproveitem o nosso espetáculo!

Olhem só, quem está aqui! Vejam.

Essa é Judith. Podem não conhecê-la pelo nome, mas sabem de seus feitos! Oh, sim, criancinha! Judith é um monstro perigoso. Estão vendo como ela é? Ela é alta, tão alta que quase não cabe na jaula, mas sempre damos um jeito. Ela não se alimenta de carne. Não, minha cara, não se aproxime! Judith não se alimenta de carne, mas ela se alimenta de vida. Ela consegue tirar sua

alma de você. Ela pode parecer uma criatura inocente, mas ela não sente remorso e mata a todos. Tivemos sorte que ela já nasceu aqui e que a prendemos a tempo. Ela é filha de uma entidade poderosa do inferno. Oh, sim! Ela é perigosa. Não, criança, não! Oh, que pena! Judith, viu o que você fez? Matou essa pobre criança! Eu sinto muito aos pais. Aqui, Judith pode trazer ele de volta. Deixem a criança aqui, venham. Está tudo bem. Venham.

Vamos, que tem mais!

Não tenham medo!

Fiquem à vontade!

Fiquem confortáveis!

E aproveitem nosso espetáculo!

Ah, vejam! Esse é um dos maiores espetáculos que temos! Vejam!

Estão vendo aquele ser? Sim, minha cara! Aquele mesmo! Ele é um leão gigante e perigoso, que pode comandar as pessoas a fazerem o que ele desejar. Oh, sim! Ele já fez inúmeras coisas aterrorizantes. Este leão tem duas cabeças, uma cauda de serpente, e cascos de bode. Ele sabe conversar e gosta muito de carne. Costumamos o alimentar com carne de boi, mas sua favorita é..... Não, meu bom homem! Não! Oh, minha nossa! Não olhem! O leão está devorando o nosso funcionário. Viram como ele sabe controlar a mente humana com perfeição? Oh, criança, não chore! Não precisa chorar, está tudo bem! Sim, está tudo bem!

Venham, vamos prosseguir!

Não tenham medo, meus amigos!

Fiquem à vontade!

Fiquem confortáveis!

E aproveitem nosso espetáculo!

Ah, veja só quem está aqui para se apresentar?

Não, nem pense nisso, Esfinge! Esfinge é gigantesca, não é? Ela gosta de perguntar enigmas para as pessoas, e quando a pessoa erra, ela a devora! Hein? Ah, sim, criança! Não converse com ela! Não é uma boa ideia. Não, não é! A Esfinge está sendo mantida aprisionada aqui por séculos. Minha família tem tomado conta dela. Querida, o que está fazendo? Não! Não responda! Ora essa! Não olhem, vamos seguir em frente! A Esfinge terá uma refeição hoje. Uma boa refeição. Vamos.

Venham comigo!

Não tenham medo!

Fiquem à vontade!

Fiquem confortáveis!

E aproveitem nosso espetáculo!

Ah, essa seção do nosso Circo não é recomendada para crianças. Aconselho a deixarem os pequenos no nosso parque de diversões. Isso. Assim está bom! Venham! Vamos em frente!

Aqui estão os mais aterrorizantes de todos. Aqueles que plantam medo no imaginário das pessoas. Estejam avisados. Venham!

Aqui, vejam! Começaremos com ele!

Hein? Sim, minha cara, é ele! Esse é o *Slender Man*. Sempre há quem diga que ele não existe, mas existe, e está bem aqui! Não, não chegue perto! Ele é perigoso! Ele pode controlar seus pensamentos e você será escrava dele para sempre. Não confiem nas jaulas. Nessa seção os poderes deles só podem ser mantidos longe de nós se controlarmos nosso medo. Ah, você acha que pode? Garotinha, não faça isso! Ah, olhe só, lá foi ela! Sinto muito por terem visto isso. Não era para saberem e nem verem ou passarem por isso. O medo é a maior arma dessas criaturas. Ah, nossa. Vejam. *Slender* acabou de devorar a pele da garota, e agora está comendo sua carne. Sinto muito por verem isso. Mas não ultrapassem a linha marcada.

Vamos em frente, com coragem!

Não tenham medo!

Fiquem à vontade!

Fiquem confortáveis!

E aproveitem o espetáculo!

Ah, a Bebê Chorona. Sim, é uma boneca em forma de bebê. Não, não toquem em nada perto dela. Fiquem onde estão. Essa é a Bebê Chorona, uma boneca possuída por um espírito maligno que controla as pessoas ao seu redor. Sim, ela é perigosa. Alguém aqui conhece a Annabelle? Ah, todos! Fabuloso! Essa é parecida com ela, mas um pouco mais perigosa. Não, não zombem dela por sua aparência. Aparência não conta de nada no mundo dos espíritos! Vamos!

Em frente, meus amigos, em frente!

Sem medo!

À vontade!

Confortáveis!

E aproveitem o espetáculo!

Ah, a atração principal! Não, não precisam ter medo. Na verdade, aconselho a não terem medo! Por favor, fiquem onde estão. Não tenham medo!

Apresento a vocês, nosso mais perigoso show de horrores. Vejam bem, ele não está preso aqui. Ele apenas dorme aqui. Ele é um hóspede. Isso. Calma, meus amigos, sem medo. Ele consegue farejar o medo e gosta de se alimentar dele. Não, não tenha medo. Aqui. Aqui está ele. Meus caros, eu lhes apresento Fobos, o demônio do medo. Não, se acalmem. Hahahaha! Vocês me fazem rir. Vejam, eu estou ao lado dele, e ele não me faz nada. Apenas controlem seu medo. Fobos foi responsável por matar muitas pessoas usando seus medos, as deixando loucas.

Espere um minuto!

O que estão fazendo?

Estão tremendo!

Ah, não. Estão com medo?

Ah, que pena!

Fobos e a Bebê Chorona gostam de medo. Agora estão devorando sua carne, em breve estarão se banquetando com suas almas. Ah, é, as crianças. Tenho que ir até elas.

Crianças! Olá!

Seus pais não podem voltar mais. Eles estavam com medo. Mas vocês não têm medo. Certo?

Claro que não! Essa é Marie Leveau. Marie, por favor, apresente a nova vida das crianças, sim?

Hmm, bom! Um esquisito com dois rostos. Uma criança deformada, sem olhos, outra sem boca. Ah, vejam só. Essa aqui vai para a seção do terror. Sim, essa criança sem rosto, com asas de dragão e mãos de ferro. Uh, veja só. Ela consegue esmagar os crânios das pessoas. Ah, e ela abre uma enorme boca para se alimentar. Ah, e ela voa! Prendam ela ao lado de *Slender!*

Ah, novos visitantes! Vão para seus afazeres!

Venham!

Venham!

Fiquem à vontade!

Fiquem confortáveis!

Sejam bem-vindos!

Por favor, não tenham medo!

Aproveitem o espetáculo!

E sejam muito bem-vindos ao Circo dos Horrores!

Myllene Kretli Wan Der Maas Torres nasceu em 11 de outubro de 1998, em Belo Horizonte. Desde criança, desenvolveu o hábito da leitura, inicialmente devido às revistinhas da Turma da Mônica, que sua mãe comprava. Das revistas, passou para livros infantis como "A Bela e a Fera" e "A Pequena Sereia". Com o tempo, expandiu seu repertório, começando com livros juvenis e progredindo para obras

mais complexas, se apaixonando cada vez mais pelo universo dos livros. Foi esse hábito de leitura que a inspirou a escrever, culminando na sua primeira história no ano de 2020.

Instagram: [myllenewander](https://www.instagram.com/myllenewander)



Entre o Ver e o Ser

Por Marieddie

Havia uma sombra no canto do quarto.

Uma sombra de algo surgido em sua parede.

O quê?

O rapaz sentado em sua cama – Daniel era seu nome –, assustado, paralisado e com olhos vidrados não poderia dizer; afinal, tudo que ele percebia era uma sombra disforme que ele jurava o encarar do canto do quarto.

Ele sabia que, por mais monstruosas que sombras como aquela se pareçam, ainda assim elas não têm face, nome ou qualquer som, sejam as das noites, sejam as dos dias. E, acima de tudo, *sombras não podiam o tocar*: era a racional verdade, para si mesmo repetia.

Porém, talvez fosse exatamente isso que mais assustava aquele rapaz: o não fazer, mas a possibilidade de que faça; o mistério, a ansiedade e o terrorismo contido na espera, abrigado nos braços do que ainda não é, aquilo que não aconteceu, porém perdura como ameaça, se estendendo até que se torne em certeza do que pode e virá a ser.

Tal possibilidade, este adiamento do chegar, do acontecer, do dano iminente era, sem qualquer espaço para que a dúvida se encaixasse na mente de Daniel, pior que o fato, que a luta presente.

Se acontecesse, se tivesse algo contra o que lutar, ele o faria. Adrenalina, para si, sempre fora mais lidável que o medo.

Ferida aberta e sangue escorrendo sempre lhe fora mais tolerável que a lâmina lambendo a pele sem, de fato, mordê-la.

A sombra continuava no canto do quarto, dançando com a luz da rua; cada movimento seu, cada nova forma revelada, fazia o coração de Daniel acelerar um pouco mais, seu fôlego pesar um pouco mais, seu corpo travar um pouco

mais, seus ouvidos zumbirem um pouco mais.

E um pouco mais;

um tanto mais...

...e mais...

...e mais.

A madrugada seria longa para o jovem Daniel e a sombra no canto de seu quarto.

[...]

Havia um homem ao lado da janela de um quarto.

Seu nome?

Seu nome era um segredo - ou ao menos o nome daquele seu lado sombrio, a besta que acordava de tempos em tempos, até agora ninguém ainda soubera dizer e o próprio jamais revelaria.

Saíra de sua casa àquela madrugada com apenas um propósito: alimentar sua lâmina e saciar sua sede constante por ver alguém sangrar, por ter o controle sobre uma vida e determinar que era hora de ela não mais ser.

Muitas outras noites antes, ao longo de muitos outros anos, ele fizera aquele mesmo tipo de *passeio*, com o mesmo propósito de agora.

Não era como se o fizesse o tempo todo, mas ao menos uma vez por ano algo em si despertava, um desejo insaciável, a besta interior que lhe dizia que era hora de caçar.

E depois?

Após observar, perseguir, agarrar e abater sua presa?

Então ele poderia voltar para sua casa, viver sua boa vida, se deitar com sua esposa e sentar-se à mesa de jantar com seus filhos enquanto devorava um bonito e saudável jantar.

Porém, para a má sorte do jovem rapaz à sua frente, não era o homem que se alimentava de frutas cuidadosamente escolhidas e legumes coloridos que o mundo abrigava naquela madrugada; aquele que ali estava ansiava única e exclusivamente pelo vermelho vibrante de um sangue solitário.

A figura desconhecida, cujo nome ninguém pudera revelar, como de costume em sua temporada de caça, seguiu aquele jovem por contáveis dias; espreitou e preparou tempo suficiente para conhecer aquele que viria a ser sua presa.

O viu sair de casa apenas para trabalhar, descobriu seu nome e o fato de que ninguém jamais o vinha visitar.

Descobriu que nunca, em qualquer dia que fosse, tinha alguém com quem o garoto dedicasse seu tempo, ao menos por telefone, para conversar.

Descobriu que Daniel era perfeito para todos os seus planos.

Sozinho.

Tão, tão sozinho.

Daniel era simplesmente perfeito...

Como poderia resistir se tudo parecia ter preparado aquela vida jovem para si?

Não era sua culpa: não há lobo que resista ao cordeiro desgarrado.

Andou pelas ruas sorrateiramente até chegar diante da casinha pequena e discreta ao fundo de um grande terreno. Para toda a sua sorte, ou como se todo o mundo paralisasse por um instante para honrar a caçada de uma criatura como ele, a vizinhança estava calma, nem mesmo uma

alma viva cruzara seu caminho, nem um cão sequer quebrou o silêncio esmagador do momento.

A madrugada quente contribuía para seus planos, para sua diversão incompreendida, pois bem sabia: o menino deixava um vão em sua janela que imaginava ser para o ar circular, na confiança ingênua de uma falsa segurança, mas também reflexo de quão pouco valor via em si mesmo, que não era de interesse de qualquer que fosse a pessoa vir até seu pequeno e solitário espaço.

O que tinha ele a oferecer, afinal? Nada ao restante do mundo; e justo por tal razão, por não possuir valor algum para todo o resto, era o que o tornava uma presa tão preciosa para si.

Cauteloso, o predador tinha suas mãos enluvadas, cobertas até demais para o calor que o momento ofertava, abriu com elas um espaço maior na janela pelo qual pudesse atravessar.

Pulou para dentro do quarto com o cuidado de não fazer grande barulho, ainda não era o momento perfeito para a presa acordar.

Caminhou para o lado da cama do garoto, aproveitando-se das luzes da rua que preencheram o quarto apenas o suficiente para quebrar o breu absoluto, mas sem de fato iluminar.

O homem usufruiu de um momento para observar de perto o rosto, a respiração e o sono inquieto de Daniel. Então soube que era o momento: era a hora da presa acordar.

Deu alguns passos até a janela, apenas para que pudesse bater de leve no material metálico e provocar algum barulho que funcionasse como despertador.

Daniel acordou.

Com um reflexo rápido, ele assentou-se em sua cama, encarando um canto de seu quarto com os olhos inicialmente confusos e, após, banhados de um prazeroso pavor.

Ah, o terror, o medo, a postura indefesa que aquelas pessoas apresentavam diante de si, tudo aquilo valia a pena, lhe fazia sentir o poder e lhe alimentavam mais que a ceia de natal, ou que os chocolates da páscoa. Naquela madrugada, no entanto, havia apenas um problema na cena diante de si, no terror contido no corpo do garoto a sua frente:

Nada disso estava sendo destinado para o caçador de pé ao lado da janela.

Todos aqueles sentimentos conflituosos – que tanto amava e lhe adoçava o existir – estavam sendo ofertados para sua sombra misturada as dos galhos das árvores sendo refletidos no outro canto daquele quarto.

Com um pequeno machado em mãos, ele observava aquele rapaz encarar a sua sombra refletida do outro lado, temendo-a e incapaz de se virar um centímetro que fosse para lhe dar a atenção que lhe era devida, pela qual tanto se preparara e almejava.

O homem não estava feliz.

Ele deveria estar feliz! Afinal, todo o preparo até o momento em que estavam fora cuidadosamente arquitetado para lhe trazer satisfação. Se encontrava confuso sobre toda aquela cena diante de seus olhos e todos os sentimentos conflituosos que Daniel com sua reação fazia pairar em torno dela.

E, banhado em sua infelicidade, foi então que puxou o jovem para si com um toque rude, mesclado com insatisfação, em seu ombro, despertando-o de seu torpor.

E ali estava: finalmente olhos jovens e apavorados haviam encontrado olhos antigos e famintos, traduzindo assim as intenções das almas.

Neste momento a presa podia decidir correr ou lutar.

Todos aqueles sentimentos inquietantes, como uma densa névoa ao redor, entorpecendo as mentes.

Quase poderia tocar o horror.

Se pudesse servir os enevoados sentimentos em um prato e devagar degustá-los, o sabor seria de algum raro tipo de mel extraído das abelhas mais selvagens.

Agora sim as coisas estavam em seus devidos lugares.

Agora sim a festa poderia começar.

[...]

Havia uma luta no meio de um quarto.

Um homem de presença forte e robusto, um garoto que passara a vida lutando contra sombras.

De um lado alguém que sabia o que estava fazendo ali, do outro a confusão.

Alguém que fizera isso tantas outras vezes, um outro que tinha apenas um pouco, quase nada, de determinação.

Pela falta de tempo ou a mente oscilante, Daniel não pudera correr, tudo que lhe restava era se entregar àquela luta que por outro fora traçada e para ele coube a parte de aceitá-la.

E o resumo de tudo: um machado afiado que lutava contra mãos.

[...]

Havia um corpo jovem, ensanguentado, largado em um colchão.

Tão desfigurado que quase se parecia com um “algo”, como a sombra que outrora habitara o canto daquele mesmo quarto.

Mas o dia já chegara.

Lá fora o sol trouxe brilho como se as madrugadas jamais houvessem existido.

Brilhava como se não houvesse naquele mundo escuridão onde as almas pereciam.

Sim, o sol chegou.

E com sua chegada a fera fora reprimida e permaneceria desconhecida, na luz apenas havia espaço para um bom homem que se misturava e gostava de aproveitar boas refeições com sua família.

E pode ser verdade que o sol um dia voltará a se esconder, madrugadas sempre hão de existir; por hora, no entanto, havia sangue suficiente na memória da escuridão daquele quarto para que a noite se alimentasse e voltasse a dormir.

Marieddie é uma paraense que vive em São Paulo. Eng. de Produção por formação e apaixonada pelo mercado editorial e seus frutos, tendo experiência profissional em uma editora/produtora universitária, além de ser leitora BETA em uma plataforma de publicação independente. Apaixonada pela beleza áspera do terror/horror e fantasia sombria, publica histórias e poemas em diversas plataformas de autopublicação independentes.

Instagram: [_marieddie_](#)

Inkspired: [marieddie](#)

Cecília e Lucrécio

Por João Neto

Cecília – Primeira Parte

Ele, um sacerdote. Ela, uma mercenária. Opostos que, numa tempestade perfeita, acabam se atraindo. Uma atração capaz de os fazer ignorar a chuva lá fora, mas só por algum tempo.

– Cecília – ela se apresentou.

– Agradeço-lhe pelos seus serviços, Cecília. Mas fiz minha iniciação eclesiástica nesta cidade. Penso que não será necessária uma escolta.

– Fico feliz que meu patrão pensa diferente – ela respondeu enquanto batia na bolsa de moedas que carregava à cintura, fazendo os metais tilintarem. – E como se chama nosso ilustre coroinha?

– Lucrécio.

– Minha nossa, não se faz mais nomes como antigamente. Venha, vou lhe mostrar a cidade.

[...]

Encontraram-se novamente um ano depois.

Ele, agora clérigo. Ela, hoje lanceira da guarda.

– Tibério?

– Lucrécio.

– Lucrécio, “o coroinha”! O Governador está nos enviando para benzer os pastos ao redor de Nortroff?

– Se fosse pra isso, não precisaríamos de uma guia turística.

Conversaram animadamente.

Foram contratados para participar de uma pequena expedição militar de seis pessoas, numa região sessenta quilômetros a oeste da cidade.

As informações preliminares eram de que, próximo às ruínas de Nortroff, uma criatura perturbava a noite. Fazendeiros reclamavam do sumiço de animais e pelo menos uma criança tinha desaparecido.

Mas eles não estavam preocupados com isso. Ao menos, não agora.

Lucrécio contava, orgulhoso, que preparara onze tipos diferentes de doces para comerem na viagem. Ela adiantou-lhe a localização das fontes de águas termais em que poderiam se banhar pela longa estrada.

– Minhas primas e eu costumávamos acampar nas colinas, ao longo da trilha. Olhávamos as estrelas, cantávamos em volta da fogueira e dividíamos as lendas e histórias macabras que conhecíamos.

– E namoravam com os filhos dos fazendeiros.

– Claro! – ela respondeu, risonha e com um olhar perdido, nostálgico.

Foram uma companhia agradável um ao outro durante a viagem.

[...]

Uma terra negra sustentava as partes do muro que ainda estavam de pé.

A colina sobre a qual se erguia o decadente forte de Nortroff era uma elevação irregular. Lembrava um rato oculto sob um velho e malcuidado tapete.

O forte fora construído há quase duzentos anos. Sua função era abrigar as guarnições que defenderiam as linhas de suprimento dos rebeldes durante a Guerra dos Bastardos. Era robusto, porém relativamente pequeno. Possuía um pequeno átrio na entrada e ainda era possível distinguir o estábulo. Não sobreviveria há um cerco longo, tanto que três quintos dos soldados, prisioneiros e aldeões que aqui estavam morreram de fome quando o império atacou a região. Eles aguardaram reforços que nunca vieram.

Nas primeiras luzes do dia, o grupo adentrou as ruínas.

– Há algo demoníaco habitando este lugar – concluiu Lucrécio, mirando sua lanterna para o aparente abismo negro que os esperava no fim do corredor.

Fedendo à querosene e sujos de suor, os banhos nas águas termais da estrada se tornaram uma memória saudosa conforme desciam as escadas de pedra limosa.

A cada passo, um cheiro podre de morte ficava mais palpável.

Apesar de obstruir as narinas com um pano, um dos guias da comitiva não aguentou: agachou-se e vomitou. Abalado, desertou da empreitada.

Ao fim da escada, encontraram o que antigamente deveria ter sido a prisão daquele forte. Uma sala estreita, com três celas de ferro enferrujadas em cada lado da parede. As fracas tochas revelaram que, o que quer que fosse, a “coisa” fizera deste lugar seu templo.

Carcaças de animais jogadas pelo chão, amontoados de tripas e ossos pelas celas, sangue coagulado pelas paredes, desenhando runas indecifráveis e padrões confusos de espirais e círculos.

De repente, um grito vindo de trás deles.

Um vulto prendeu-se às costas de um dos mercenários. As pernas da criatura envolveram a cintura do homem, que não conseguiu sacar sua espada. Aquele ser – definitivamente humanoide, embora pequeno, de longos cabelos pretos e olhos vermelhos – aquele ser pôs suas mãos no rosto do mercenário. Seus dedos estouraram as orbitas dos olhos do homem, que se ajoelhou gritando. A criatura mordeu-lhe o pescoço, abrindo-lhe a jugular. Sangue jorrou pelo chão e misturou-se ao querosene derramado. A sala iluminou-se com as chamas.

Via-se agora que aquele ser, aquela criatura, aquele monstro... era uma criança.

Em velocidade, ela correu em direção aos soldados, que tentaram sacar suas armas.

Não foram suficientemente rápidos. Com uma velocidade sobre-humana, a garota se aproximou de Jerome, um dos mercenários, e desferiu um golpe. As unhas da criatura – que lembravam garras de aves de rapina – abriram-lhe a barriga, e as entranhas do soldado saíram de seu corpo. Segurando seu próprio intestino e tentando o devolver ao abdome, Jerome ajoelhou-se aos gritos.

Abandonando sua vítima, a criatura pulou sobre o outro membro da comitiva. As pernas prederam-se à cintura e as mãos do monstro levantaram a cabeça do soldado. Suas presas abriram o pescoço do homem, que lutou em vão para se desvencilhar.

Nesse momento, Cecília percebeu sua chance.

Jogou sua lança para o alto, de modo a prepará-la para o arremesso. Tomou fôlego e projetou seu corpo para trás. Pegou a lança ainda no ar e, com toda a sua força, atirou o objeto em direção ao seu alvo.

Como um *trebuchet* após o disparo, o corpo de Cecília foi projetado para frente por causa da grande força empregada. O projétil abandonou sua mão e voou, cortando o ar com sua ponta de bronze. O corpo de madeira da lança tremia enquanto atravessava o corredor, quebrando a resistência do ar e emitindo um som sibilante.

A criatura sentiu o objeto se aproximando. Seus olhos vermelhos faiscaram.

Mas já era tarde.

A lança perfurou seu peito. O impacto foi tão grande que o ser foi jogado para a parede oposta da sala, há mais de quatro metros.

– Morreu? – disse Cecília.

– Não – respondeu Lucrécio.

Sobraram apenas os dois e a criatura ofegante no chão. Aproximaram-se com cautela. Um vento sobrenatural apagou as chamas. A criatura abriu seus olhos vermelhos. Sua voz, trovão. Amaldiçoava-os em um idioma antigo.

– É um demônio.

– É uma garota! – Cecília retrucou.

– Um demônio possuiu o corpo dessa criança. Não temos como matá-lo. Seu espírito apenas voltaria a andar livre. Ele é poderoso, poderia até se apoderar de um de nós. Ele sabe que seríamos hospedeiros mais fortes.

– Então o que fazer? – indagou Cecília, assustada.

– Posso tentar aprisioná-lo.

Lucrécio tirou de seu pescoço uma corrente de prata que portava. Uma ametista adornava seu pingente.

– *Intra tua vulnera absconde me* – começou o sacerdote. A pedra em sua corrente emitiu uma luz fraca e opaca. – *Ne permittas me separari a te. Ab hoste maligno defende me.*

A criatura gritava. Uma sombra, que parecia tomar todas as paredes daquele aposento, passou a mover-se e a se contorcer.

– *In hora mortis meae voca me. Et iube me venire ad te, ut cum sanctis tuis laudem te in saecula saeculorum.*

A pedra emitiu uma luz amarela intensa, que encheu toda a sala. A criatura gritou de dor e uma sombra sobrenatural – que parecia vestir a criança – foi tragada para dentro do colar do clérigo. A ametista apagou-se e o brilho suave da manhã desceu pelas escadas, vindo de alguma das aberturas da ruína acima.

Lucrécio sentou-se ao chão. A mão que usara para segurar o pingente estava vermelha. Em carne viva.

– Enterre essa pedra aqui. Sepulte esse mal. Podemos demolir essas ruínas para que ele nunca seja encontrado – sugeriu Cecília.

– Não. Não podemos. – lembrou-se da leitura diligente dos tomos de demonologia e das lições que tirara dos textos sagrados. – Se sua prisão for abandonada sem vigilância, será questão de tempo para que a entidade recupere sua força e passe a influenciar a região. Em poucas décadas ele seria encontrado e libertado. Não... esse fardo é meu.

Subiram com os corpos de seus companheiros e da criança morta. Tirando-os daquele lugar empestado e maldito.

Passaram a tarde cavando sepulturas. Escolheram um monte próximo, ao sul das ruínas de Nortroff, sob um pé de salgueiro.

– A árvore chorará suas mortes, já que suas famílias não poderão.

Sepultaram todos.

Sentados em meio aos túmulos, velando os mortos e digerindo o horror que enfrentaram, eles assistiram ao sol se pôr no horizonte. Seus últimos raios avermelhados iluminando a ametista que pendia no peito de Lucrécio.

Beijaram-se.

Um beijo de dor, de alívio e de desespero.

Lucrécio – Segunda Parte

Do trauma, ou do senso de responsabilidade, surgiu o amor entre Cecília e Lucrécio.

Juntos, vagaram pelo continente em busca de respostas.

Juntos, ensinaram as primeiras palavras à filha do casal, Laetitia. Uma criança com a pele negra como a da mãe, e um olhar sereno como o do pai.

Três anos passados desde a desastrosa expedição, decidiram se estabilizar. Lucrécio utilizou parte da herança a que tinha direito para comprar

um casebre nos arredores de Naisso. Ali, Cecília pôde voltar ao seu trabalho como uma Legionária. Ambos alternavam os cuidados com a pequena Laetitia. Por um tempo, foram uma família feliz.

Mas isso logo mudaria.

[...]

Ele, um erudito obstinado.

Sentia o peso da joia em seu peito aumentar a cada dia. Seus passos, antes altivos e rijos, agora indicavam uma saúde debilitada – uma velhice precoce – apesar de ter entrado há pouco na terceira década de sua vida.

O fardo que assumira estava cobrando seu preço, ele sabia que não tinha muito tempo. Sua jornada em busca de uma forma de se livrar de uma vez por todas do mal que carregava o levou aos maiores mosteiros dos reinos. Lucrécio investigou, diligentemente, as bibliotecas por onde passou. Sua inteligência vivaz e seu entusiasmo monástico abriu-lhe as portas de acervos particulares e garantiu cadeiras em jantares ilustrados.

– Seus conhecimentos e interesse pela arte da demonologia e pelos caminhos do oculto são, na mesma medida, formidáveis e aterrorizantes, camarada Lucrécio – reconheceu o Conselheiro Philip K. Love em um desses jantares.

– Sou apenas um instrumento a serviço da fé, camarada Conselheiro. E se Deus é o Bem, e o Bem é sempre Justo, como poderíamos agir de acordo com os desígnios Dele sem sabermos distinguir o Bem do Mal que habita este mundo?

– O risco de quem encara o Mal é a possibilidade do Mal o encarar de volta – rebateu o Conselheiro.

– Aceito esse risco, já que a consequência da cegueira voluntária é o

perecimento de nossos filhos, de nossa raça – encerrou o clérigo.

Logo, a obsessão de Lucrécio fez sua presença no seio familiar se escassear. Passava dias, semanas, sem voltar para casa. Até desapareceu completamente.

[...]

Ela, mãe solteira.

Não compreendia os motivos do marido e sentia o se distanciar conforme o tempo passava. Percebia-o taciturno e preocupado. Às vezes, ele acordava gritando à noite. Os pesadelos eram recorrentes.

Em uma noite, Cecília acordou e viu sua cama vazia. Levantou-se e distinguiu Lucrécio em pé ao lado do berço da filha. O pingente com a ametista pendendo sobre a criança enquanto Lucrécio a observava com um olhar indecifrável.

O amor dele por Laetitia, que antes só era menor que o carinho que ele dispensava à Cecília, parecia esfacelar-se como uma estátua de argila agredida pelos ventos do deserto através dos séculos.

Meses depois, ele passou a olhar para a criança com aversão, às vezes medo. Da última vez que a viu, piedade.

Restava pouco dinheiro, e Cecília não podia abrir mão de suas responsabilidades junto à guarda. Laetitia passou a ser cuidada por uma ama, que a acolhia em sua casa durante os dias.

Dois anos se passaram assim.

Laetitia cresceu. Tornou-se uma criança brilhante, forte como a mãe. Já Cecília, uma mulher íntegra, forjada pela vida. Nenhuma dificuldade a abalou, nenhum sofrimento a estremeceu.

Até que, numa madrugada, ela foi surpreendida de seu sono pelo som da porta da sua casa sendo arrombada.

Laetitia dormia com ela em sua cama. A guerreira pediu para a criança se esconder sob os lençóis. Cecília pegou a espada que ficava sob o colchão e caminhou em silêncio em direção à porta de seu quarto.

Abriu-a e viu, na penumbra que tomava a sala de estar, um vulto cambaleante. As roupas dele estavam em farrapos. Cabelos e barbas longas e grisalhos, o rosto quase oculto por um capuz. Os olhos, sempre serenos, agora tomados por um brilho doentio. Em seu peito, um pingente emitia um brilho roxo opaco.

Lucrécio havia retornado.

– Finalmente descobri como satisfazê-lo.

– Do que você está falando? – Cecília respondeu, ainda com a arma em riste.

– Precisamos lhe dar a criança. Dou-lhe a criança e estamos quites. Um inocente por outro – respondeu o clérigo, com os olhos atravessando o corpo da esposa, buscando a filha no quarto do casal.

– Você perdeu a razão?!

– Saia do caminho! – disse o homem, que correu em direção ao quarto.

Sem hesitar, Cecília ergueu sua espada e desferiu um golpe.

Surpreendeu-se quando não sentiu o impacto da lâmina sobre o corpo do marido. A agilidade que ele demonstrou para desviar do golpe não era natural, ainda mais para quem viu sua saúde se esvaír rapidamente ao longo dos anos.

Lucrécio passou por ela, dando-lhe um forte empurrão. A mulher chocou-se contra a parede. Uma mancha de sangue marcou o local que sua cabeça atingiu.

– Corra, Laetitia! Fuja, minha filha – gritou, ainda tonta do impacto.

Cecília ouviu um som estridente. O armário do quarto parecia ter sido derrubado. Em seguida, Laetitia passou correndo pela sala. Viu a mãe caída, foi em sua direção, e a abraçou.

– Mãe, o que está acontecendo?

Cecília pediu para a criança se afastar e ficar junto à parede. Do quarto, vinha o som de utensílios e jarros de barro caindo. Na fuga, Laetitia havia derrubado o armário sobre o pai, que agora se levantava.

Sangrando, o homem veio em direção às duas.

– A vontade Dele será cumprida. Não há como impedir. Eu tentei de todas as formas, Cecília, eu tentei.

Lucrécio abriu as palmas das mãos. Uma energia escura escapou do colar e começou a dançar pelos seus braços, concentrando-se em suas mãos. O homem juntou as mãos e a energia formou um globo enegrecido. Pronunciando um encantamento em latim, o homem liberou aquele poder, que viajou pelo ar em direção à sua esposa e filha.

Cecília virou-se e abraçou a criança, de modo a protegê-la.

O globo de energia explodiu nas costas da ex-mercenária. A casa tremeu e os móveis foram lançados para os cantos da casa.

Cecília caiu sobre sua filha, ainda segurando sua espada. Viu os olhos outrora serenos da filha transmutarem-se em um olhar choroso. Sabia que iam morrer.

Mas a mulher sentiu os braços do marido a envolvendo.

Lucrécio abraçou-a por trás. Com uma força sobre-humana, levantou-a do chão e começou a espremê-la. Cecília sentiu, uma a uma, suas costelas se partindo. Logo estaria morta, asfixiada por seu próprio sangue.

Com a espada na mão, não tinha força – ou ângulo – para se soltar ou tentar um ataque.

Não. Só tinha uma coisa a fazer.

Virou a lâmina da espada contra seu próprio peito. Sentiu o aço tocar sua pele. Pôs a outra mão no punho da arma.

Suspensa pelo marido, olhou uma última vez para a filha. Que observava tudo encolhida entre os destroços.

Com as últimas forças que lhe restavam, Cecília pressionou a lâmina contra seu próprio peito. A arma atravessou seu corpo e encontrou o peito do marido. Seu coração foi perfurado pelo mesmo fio de aço.

O homem fraquejou. Ambos caíram.

No chão, a poça de sangue encontrou Laetitia, que gritou, respondendo com desespero ao horror daquela cena.

Engatinhou pelo sangue e foi até o corpo da mãe. Chorou, sacudindo-a, tentando acordá-la.

Olhou para o homem, que reconhecia como seu pai. Não entendia por que ele tinha feito isso.

Viu, nos olhos mortos dele, um espelho de seus próprios olhos.

Mas desceu a visão.

Soluçando e aos prantos, por alguns instantes Laetitia ficou fascinada pela pedra de ametista que pendia sobre o peito perfurado do pai.

Tocou-a e sorriu, sem saber o porquê.

João Neto é professor da Rede Estadual do Espírito Santo. Descobriu a literatura através da coleção Vagalume e apaixonou-se por ela quando entrou em contato com os universos fantásticos de Artemis Fowl, Harry Potter e O Senhor dos Anéis. Na universidade, mergulhou na literatura brasileira e no estudo da produção crítica. Produziu crítica cultural entre 2010 e 2017 e histórias de fantasia durante a pandemia. Largou tudo pra pintar bonequinhos.

Instagram: [netojpv](#)

Inkspired: [joao-neto](#)

Funeral de uma Morta-Viva

Por Flávia Sanchez

Magda acordou sentindo um emaranhado de dor e desconforto, em um mundo de escuridão. Cada canto de seu corpo estava dolorido e latejante, e seu estômago roncava como um feroz lembrete de que ela estava vazia e desnutrida. À medida que seus sentidos se adaptavam à penumbra, seus dedos trêmulos tatearam a áspera textura das paredes ao redor, encontrando apenas superfícies amadeiradas e irregulares. Um nó de medo e confusão se formou em sua garganta. Onde ela estava? Como tinha acabado ali? Uma sensação de confusão e pânico a envolveu momentaneamente, mas ela se forçou a respirar fundo, lutando contra o impulso de entrar em desespero.

– Não entre em pânico – ela sussurrou para si mesma, mas as palavras soaram ocas em sua prisão.

A escassa luz que penetrou em seu confinamento, derramando um brilho fraco sobre seu espaço apertado, lhe deu apenas uma visão limitada. Ela estava deitada em um espaço alongado, suficientemente grande para ficar com o corpo esticado, mas estreito o bastante para seus ombros roçarem nas paredes de madeira. A inclinação das paredes e a forma como a abertura de cima se estreitava davam a impressão de estar em algum tipo de passagem subterrânea. Uma extremidade era notavelmente mais baixa que a outra, com uma abertura no topo permitindo a entrada de um pálido feixe de luz. Esta luz revelou à Magda a áspera textura das madeiras ao redor dela e a abertura irregular à sua frente, através da qual podia vislumbrar a fenda de uma cratera.

A visão do céu nublado apenas intensificou a sensação de estar aprisionada. Um pensamento desesperado a atingiu: ela estava em um tipo de tumba? O mero pensamento a fez tremer. Ela se recusava a aceitar uma conclusão tão terrível. Uma onda de pânico a invadiu mais uma vez. Porém, um raio de clareza lhe ocorreu: ela estava confinada, sim, mas não totalmente

aprisionada. A abertura à sua frente oferecia uma chance de escapar, mas seria necessário esforço e coragem para alcançá-la.

Respirando fundo, Magda tentou recuperar a calma. Ela se recordou de histórias de pessoas que sobreviveram em condições muito mais adversas. Tentou não se sentir sozinha, e pensar nas pessoas que a amavam, esperando por seu retorno. Porém, nenhum rosto apareceu em suas lembranças, nenhuma face amiga, tampouco um conjunto de pessoas a quem pudesse pedir uma mão estendida. Mesmo assim, a irracionalidade do instinto de sobrevivência falou mais alto. Talvez ela estivesse perto o suficiente de alguém para gritar por ajuda.

— Socorro! — Magda urrou, sua voz abafada no espaço apertado. — Por favor, alguém!

O som da terra sendo despejada em cima dela a respondeu, mas não havia sinal de socorro iminente. Cada pedido de ajuda não parecia produzir nada além de uma sensação ainda mais profunda de isolamento. Era perceptível que as paredes ao seu redor silenciavam por completo os seus gritos desesperados.

Entretanto, o apego à própria vida continuava a impulsioná-la. A vontade única de não ter a existência ceifada era responsável tanto por mantê-la lutando quanto por a conduzir rumo à insanidade. O tormento aumentava pela indefinição do tempo que levaria até dormir para sempre, caso desistisse.

Decidida a não se render à incerteza, Magda examinou sua prisão com olhos mais críticos. A parede acima de seu rosto parecia ser a única saída viável. Se ela pudesse arrombar a tampa do caixão, talvez conseguisse rastejar através da abertura. No entanto, o caminho começava a ser bloqueado por uma torrente de terra que caía como uma chuva forte de fim de tarde, e a luz começava a ir embora. Magda tentou, com um empurrão, mover a madeira alguns centímetros, cheia de uma mistura de esperança e determinação. Não conseguiu, a parede acima não saiu do lugar.

Seus olhos se voltaram mais uma vez para a abertura minúscula à sua frente, agora parcialmente bloqueada pela terra que caía incessantemente. Ela sabia que o tempo estava se esgotando, que suas chances de escapar estavam desaparecendo junto ao ar que, agora, mal conseguia respirar. Suas pálpebras estavam pesadas. Ela não tinha certeza de quando tinha adormecido antes de acordar ali, mas havia provavelmente sido há apenas algumas horas. Seu estômago roncou alto mais uma vez, quase como se sentisse raiva além da fome.

— Socorro! — Magda gritou de novo, esperando que alguém pudesse a ouvir. Sua voz era áspera devido ao esforço. — Alguém me ajude!

Apenas seus ecos responderam.

Ciente da necessidade de um plano, Magda começou a explorar sua cela com mais atenção ao tato, porém, perdeu a concentração tão breve quanto a conseguiu. Com as mãos fracas, Magda tentou de novo empurrar a parede superior. Cada impulso era uma luta contra o tempo e a agonia do desconhecido. Ela sentia alguns grãos de terra se infiltrando pela fresta, caindo em suas unhas e entre seus dedos, a aspereza raspando sua pele já fragilizada. Em todos os movimentos, havia uma batalha contra o desespero que ameaçava dominá-la.

No entanto, por mais que ela tentasse e tentasse, a terra continuava a cair, tornando mais pesada a parede que precisava empurrar (que ela havia considerado ser a sua única esperança). Magda sentia o pânico borbulhando dentro dela, a sensação de ser lentamente enterrada se tornando agonizante e insuportável. Ela podia ouvir seu próprio coração martelando em seus ouvidos, o som cada vez mais distante à medida que a terra a cobria.

As lembranças de sua vida, de sua família (ela tinha uma?) e de seus sonhos, deviam passar como um filme diante de seus olhos, porém nada veio. Ela queria se lembrar das risadas compartilhadas com os amigos, das tardes ensolaradas na praia, dos abraços apertados de sua irmã. Sua irmã, qual era o

nome dela mesmo? Tudo aquilo parecia agora tão distante e inatingível. Ela pensou em sua amiga de longa data, cujo nome também não conseguia lembrar e que nunca mais a veria, e uma lágrima solitária se misturou à sujeira em seu rosto.

Magda continuou a empurrar freneticamente, movida por pavor e determinação. Sua situação era sombria, ela estava ciente, mas se recusava a aceitar aquele destino que parecia inevitável. Ela desejava ter mais uma chance de sentir o sol em sua pele, o vento em seus cabelos e a liberdade agora tão fora de alcance. A luz fraca, intermitente como uma vela prestes a se apagar, dificultava ainda mais sua tarefa.

O espaço ao seu redor começou a diminuir à medida que a terra continuava a descer. Ela sentia a pressão aumentando, sua visão escurecendo conforme a terra se acumulava sobre ela. Suas mãos, agora quase inúteis, arranhavam freneticamente a madeira e a terra, em um último esforço para se libertar, mas cada gesto a enfraquecia ainda mais e cada respiração se tornava mais difícil.

Dolorida, faminta e sedenta, Magda fez um movimento para se encolher dentro de sua cela, sendo impedida pela estreiteza do espaço. Tudo estava perdido, era o que seus pensamentos diziam. Estava realmente presa, ninguém jamais a ouviria e ela não conseguiria escapar sozinha. Tudo o que ela estava fazendo era desperdiçar seu tempo e energia, ainda que não pudesse encontrar motivos para poupá-los, afinal, eles são de nenhuma importância para os mortos.

O sol lançou seus últimos raios antes de se esconder no horizonte, mergulhando Magda em trevas absolutas.

E então, como um último suspiro, a escuridão total a engoliu. O silêncio tomou conta, e tudo o que restou de Magda foi o eco quase inaudível de sua luta perdida, ressoando nas paredes de madeira. A tumba escura se fechou, a

consumindo. Seu nome e sua história se perderam nas sombras, um trágico fim para uma alma que lutou bravamente até o último instante.

Flávia Sanchez, natural de Bragança/PA, é psicóloga e professora de educação Física. Durante seus estudos universitários, em ambas as áreas, atuou como revisora ortográfica de artigos e trabalhos acadêmicos. Também já se dedicou a diversos trabalhos voluntários em sua cidade natal, contribuindo para o bem-estar da comunidade. No mundo da escrita, encontrou sua voz como autora independente, publicando suas obras em plataformas literárias.

Instagram: [renatadeflavia](#)



Ly Amunet

Por Ellen Fernandes

Os caminhos da vida revelaram-se surpreendentes para Maria, uma mulher determinada e a primeira de sua família a se formar. A oportunidade de um intercâmbio totalmente custeado na França foi como um raio de esperança em sua vida; ela e a família não poderiam estar mais felizes. Os dias que antecederam a viagem foram repletos de uma expectativa ímpar. Cada momento era permeado pela antecipação de uma experiência única, e Maria finalmente sentia como se estivesse no lugar em que deveria estar.

Os primeiros dias na França foram desafiadores, como é comum em mudanças radicais. Mas, aos poucos e com a ajuda de outros intercambistas, Maria começou a desbravar sua nova realidade e tudo se ajustou da maneira mais confortável. O trabalho de meio período pela manhã em uma cafeteria e as aulas que se estendem da tarde até a noite se tornaram uma rotina calma e aconchegante, como ela sempre sonhara. Cada tarefa realizada contribuía para a satisfação pessoal de Maria e as amizades que cultivava tornavam ainda mais enriquecedora aquela experiência.

No entanto, mesmo neste cenário idílico, apesar de tudo que conquistava, cada nova companhia que lhe cercava, um vazio que a acompanhava desde que se entendia por gente insistia em se fazer presente. Era uma nota dissonante em meio à harmonia que ela construía, como uma sombra silenciosa.

Esse vazio, porém, começou a se dissipar quando ela se viu envolvida por um sussurro insistente, marcando uma reviravolta em sua vida. Aconteceu no dia em que ela fizera uma visita ao Museu do Louvre, onde se admirou pela seção de antiguidades egípcias. De todas as exposições, a que mais lhe chamou atenção foi a múmia sem rosto, exposta na vitrine como uma testemunha silenciosa dos tempos antigos.

"Amunet", a voz clamava em um som baixo e lamuriento. Maria sentiu um calafrio percorrer seu corpo após o sussurro atingir seus ouvidos, como se dedos invisíveis tivessem traçado um caminho gelado por sua espinha. Instintivamente, ela apertou os braços contra o corpo, como se tentasse se proteger daquele chamado misterioso que estava além do seu entendimento.

Desde então, esse sussurro se tornou uma presença constante para Maria; ela o escutava vez ou outra desde aquela memorável visita ao Museu do Louvre. Não tinha contado a ninguém sobre sua experiência, de como pareceu ter sido sugada para outra dimensão ao encarar a múmia egípcia no prestigiado museu. Porém, por conta própria, pesquisou o significado da palavra ouvida no sussurro que permanecia consigo e descobriu ser o nome egípcio para a deusa do mistério.

A partir de então, tudo piorou. Ter suas suspeitas confirmadas, de que o sussurro estava relacionado à múmia egípcia, foi como conceder permissão para ele ser ouvido com mais regularidade.

"Amunet".

A voz se apresentava a Maria sempre que ela caminhava sozinha, fosse para o trabalho ou para a faculdade. Certa vez, foi como se tivesse sido transportada para outro lugar. Maria sentiu o chão se desvanecer sob seus pés conforme os sussurros se tornavam mais intensos. No instante seguinte, o ambiente familiar da França se desfez, substituído por uma paisagem deslumbrante e misteriosa. Areia dourada se estendia até onde os olhos podiam ver e palmeiras se erguiam majestosas, oferecendo sombra em contraste ao sol escaldante do deserto.

Ela estava em um oásis.

Não um oásis qualquer, era o Oásis de Siuá, famoso na antiguidade por abrigar o oráculo de Amon, cujo templo teria sido construído pelo faraó Amásis. Diziam as lendas que aquela era uma civilização ligada ao invisível.

"Amunet", mais um sussurro, desta vez acompanhado por uma lufada de vento frio que gelou os ossos e arrepiou a pele.

Os dias se tornavam cada vez mais excêntricos. Uma sede incomum teimava em ressecar sua garganta, e ao final do dia, uma fina camada de terra dourada se depositava sobre seus cabelos. A voz também continua a ecoar, baixa e consternada. Era como se chamasse por Maria, e a garota se via sendo arrastada por essa força. Sentia o aperto e o apego dolorido, como se fosse cativa de um chamado ancestral.

"Ly Amunet".

As lágrimas escorreram, cheias de significado. Ela compreendeu, era "minha Amunet". Havia sido chamada por alguém em egípcio, e entendera. Maria, que mal falava o francês, ainda uma brasileira em intercâmbio tão longe de casa, ainda perdida com seu inglês medíocre, agora entendia um chamado em uma língua antiga.

A sede pulsou, aguda e implacável, lhe rasgando a garganta, tornando a respiração quase impossível. Por instinto, levou as mãos ao peito e buscou por água, como se estivesse privada dela há semanas. Comprou uma garrafa e a sede a surpreendeu; uma não fora o suficiente. Permaneceu desidratada e, em um único fôlego, tomou mais uma. Sua garganta parecia ferida e ressequida. Correu para casa, consciente dos olhos assustados das pessoas que, observando suas ações, contribuía para atrair a atenção de ainda mais curiosos.

Exausta, chegou ao pequeno apartamento e desabou no chão da sala fria e sem móveis. Levou alguns minutos para recuperar o fôlego, e então caminhou até a cozinha. Lá, se entregou novamente à sede insaciável, tomando mais uma quantidade absurda de água. Excesso de hidratação podia matar, não podia? Talvez um banho pudesse aliviar parte desse desconforto.

Foi até o quarto, retirando as peças de roupa – morar sozinha tinha dessas vantagens –, mas a imagem refletida no espelho a levou ao chão em um

desmaio. No reflexo, em vez de sua própria imagem, estava uma rainha negra adornada luxuosamente, rodeada por súditos e um companheiro apaixonado.

"Ly Amunet".

Maria não saberia dizer quanto tempo tinha dormido, mas ao despertar, um sussurro próximo ao seu ouvido a trouxe de volta à realidade. Após recobrar a consciência, ela percebeu que o ambiente ao seu redor estava envolto em uma atmosfera exótica, como se o ar carregasse os suspiros de eras antigas.

"Ly Amunet".

Ela gritou e, em meio ao desespero, correu porta afora, descalça. Para sua surpresa, a areia invadiu os dedos dos pés; estava no meio de uma vegetação exuberante, com sol escaldante a pino.

– Oh, meu Deus – ela implorou. – Não permita que seja verdade...

"Ly Amunet", mais uma vez o sussurro, o último que ela ouviria naquela forma.

Um inquérito foi aberto a respeito do desaparecimento da jovem brasileira, estudante de intercâmbio na França. Seu desaparecimento era muito semelhante ao de outras jovens que tinham morrido de desidratação em seus próprios quartos, porém, diferente dos outros casos, seu corpo nunca foi encontrado.

A notícia tomou conta do noticiário mundial, pois, nas últimas imagens da moça, ela parecia falar em um dialeto egípcio arcaico há muito perdido, exatamente como as outras moças. Especialistas no assunto divergiam quanto às explicações, mas uma historiadora do mundo místico afirmava que a jovem agora era a rainha Amunet dos oásis escondido sob as areias de Siuá. Afirmava também que Nectanebo II, último faraó da XXX dinastia egípcia, conhecido como um grande mago, nunca havia se perdoado por deixar seu amor Amunet para trás durante a invasão persa, e jurou nunca descansar até tê-la de volta.

Há quem diga que ela foi morta em um ritual macabro, enquanto outros alegam que ela vive como uma rainha, a arrepiar-se com os sussurros de seu amado.

Bem, em cada história há sempre muitas versões, há sempre tanto o que se achar.

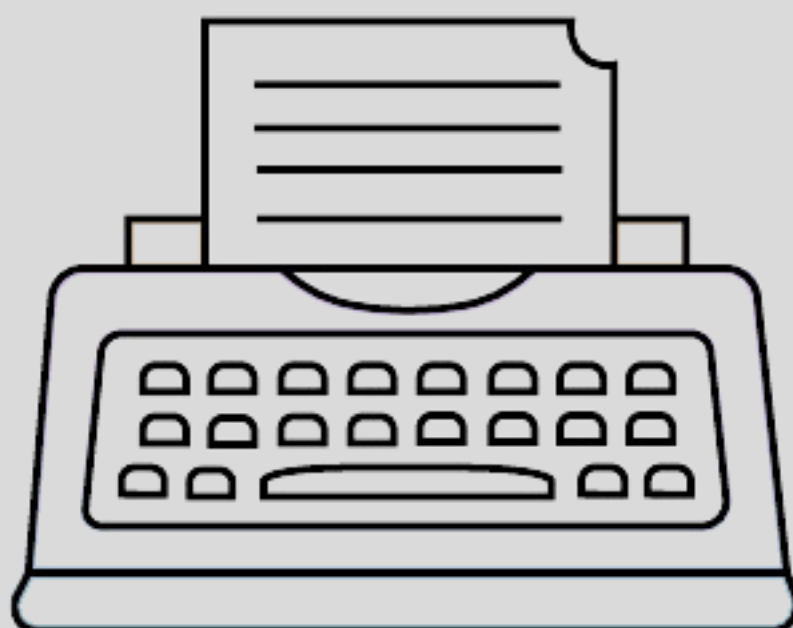
Mas e você? O que acha?

"Ly Amunet".

Ellen Fernandes é uma cearense pra lá de arretada, que acabou se aventurando em terras paulistas. Empreendedora no mundo das plantas ornamentas, é MEI no comércio varejista desse remo. Desde seus tenros dez anos de idade - e acredite, isso foi há muito tempo, mais do que ela gostaria de admitir - Ellen descobriu sua paixão pela escrita. Tem uma queda especial pela magia da escrita em poucas linhas.

Instagram: [ellenfer8](#)

Inkspired: [Ellen Fernandes](#)



O Resgate da Princesa Thalia

Por Allan F. F. Gouvea

Nos tempos de outrora, em uma terra próxima ao pôr do sol, havia um poderoso rei que não tinha herdeiro a não ser sua única filha, a Princesa Thalia, a quem incontáveis homens nobres cortejavam com a pretensão de desposá-la e, por meio do matrimônio, ascender ao trono do reino. Vendo-se sem um herdeiro e diante da difícil decisão de escolher um homem para casar com sua filha e receber sua coroa, o rei tomou uma decisão audaciosa – trancou a princesa em uma torre localizada nos campos do interior de um bosque profundo. Um enorme e raivoso troll guardava a torre do lado de fora, enquanto o interior era habitado por cães infernais e outras bestas igualmente ameaçadoras. Somente aquele que conseguisse passar por esses desafios e resgatar a princesa, teria a permissão para tê-la como esposa e se tornar o próximo na linha de sucessão ao trono real.

A história se espalhou pelos quatro cantos da civilização, atraindo muitos heróis e aventureiros que tentaram, cada um à sua maneira, passar pelas criaturas que protegiam a torre da princesa e reivindicar sua recompensa. Muitos conseguiam vencer o troll e os perigos do interior da torre, no entanto, todos sucumbiam diante da última monstruosidade que encontravam ao chegar no cômodo em que a princesa estava, no topo da edificação.

Assim, durante anos a lenda da princesa presa na torre permeou o imaginário de diversos povos. Não faltava quem se dispusesse a se arriscar na ameaçadora missão de salvá-la, apesar de a maioria recuar no último instante. Os que eram corajosos, ou loucos, o suficiente para prosseguirem sempre encontravam a morte como final para suas jornadas. Apenas restos de seus corpos dilacerados sobravam como testemunhas de suas existências, espalhados pelos arredores da torre como um lembrete aos próximos candidatos a salvadores da Princesa Thalia.

Porém, os relatos das tragédias de tantos heróis obstinados não bastaram para afugentar o valente Roan, um jovem soldado de um reino vizinho que havia desertado do exército e partido em busca da Princesa Thalia, disposto a vencer as terríveis provações que a cercavam e reclamar o seu prêmio.

Sozinho, Roan cavalgou durante semanas, dormindo ao relento e à mercê do calor e do frio, se alimentando dos animais que caçava ao longo do percurso. Quanto mais se aproximava, mais a impaciência dominava seus sentidos. Obrigava-se a recordar de todos os homens que pereceram na mesma missão, como um alerta para nunca baixar a guarda, assim como um incentivo impetuoso de ter êxito onde tantos outros falharam.

Na última aurora antes do fim de sua jornada, Roan se viu no topo de uma colina, de onde conseguiu enxergar a imponente fortaleza de pedra cinzenta que mantinha a princesa confinada. Descansou ali naquela noite e, ao nascer do sol, partiu em direção aos seu triunfo. Roan mal conseguira dormir, estava sujo, empoeirado e ansioso, e seu cheiro provavelmente estava desagradável após tanto tempo sem um banho decente. Naquele momento, porém, ele não se importava mais, desejava somente resgatar a princesa, fazer dela sua esposa e tornar-se o próximo rei.

Passando pelo bosque, deixou seu cavalo amarrado em uma árvore, sabendo não ser prudente levá-lo adiante, pois o animal poderia morrer no confronto com o notório troll e precisaria dele para retornar e levar a princesa de volta para casa. Então, sem outro meio de transporte, começou a caminhar. Por sorte, se sentia revigorado pela noite anterior, mesmo tendo dormido pouco.

Chegando ao campo aberto no centro do bosque, procurou de imediato pelo troll, no entanto, tudo o que viu ver foi a imensa torre ao final de um sinuoso caminho de pedras grosseiramente polidas. Lembrando de ficar sempre atento, desembainhou a espada e deu os primeiros passos rumo à edificação, observando o entorno e se mantendo alerta a qualquer sinal de

movimentação ou barulho produzido no ambiente, desde o simples farfalhar das folhas das árvores próximas ao ruído nas rochas provocados pelo vento.

Ao alcançar metade do caminho, Roan foi surpreendido. As rochas debaixo de seus pés se mexeram e, de repente, um corpo enorme e robusto emergiu delas. Ou melhor, emergiu com elas. Parte do caminho de pedra era o corpo do troll, agora se erguendo com violência. Roan pulou para o lado, evitando ser derrubado ou abraçado pelos membros do monstro. Quando viu a criatura ficar de pé por completo, seu sangue congelou.

O troll tinha pelo menos quatro metros de altura e sua robustez era igualmente proporcional, o tornando fazer de confundir com um maciço monólito de granito. Além disso, seus braços chegavam até os joelhos, permitindo a ele esmurrar o chão com os punhos fechados sem precisar inclinar muito o corpo para frente e para baixo. Foi o que ele fez.

Com um movimento não tão ágil, mas rápido para alguém daquele tamanho, o troll martelou sua mão no lugar exato em que estava Roan. O herói, por sua vez, rolou para o lado, deixando o golpe atingir o solo, causando um estrondo quase ensurdecedor.

Roan se aproximou do inimigo para atacar com sua espada, mas a pele do monstro se mostrou tão dura quanto uma muralha. No momento em que sua espada atingiu o troll, sem causar dano, este o envolveu com uma de suas grossas mãos, erguendo e pressionado seu corpo. Roan achou que seria devorado quando a espada caiu de sua mão e o troll abriu a espantosa boca enquanto o erguia. Contudo, ele foi levado até a altura dos olhos do monstro, como se este o examinasse antes de comê-lo.

Reunindo todo o esforço que possuía, Roan conseguiu libertar seu braço direito. Usando a mão livre, agarrou com firmeza a adaga presa à sua cintura e cravou uma estocada no olho esquerdo do troll, arrancando dele um urro de dor.

– O que achou disso, monstro? – bradou Roan, embora não acreditasse que o troll fosse capaz de entendê-lo.

Além de gritar, o troll também sangrou. Um jato viscoso e quente chegou a respingar no rosto de Roan antes dele ser largado pela fera. A adaga ficou presa no olho do troll e este, por sua vez, correu com desespero em direção ao bosque. Quando voltasse com a Princesa Thalia, Roan se certificaria de pegar o caminho oposto, para evitar ter outra vez aquele confronto.

Com pressa, o valente soldado apanhou a espada no chão e retomou sua marcha até a torre. Não existia porta de entrada, então precisou escalar até a primeira janela. Ao passar pelo umbral e entrar na prisão da princesa, se deparou com meia dúzia de cães peludos, iluminados pelos raios solares que entravam pela abertura. Possuíam olhos escarlates, como se pigmentados por sangue, e eram grandes demais para servirem como animais domésticos.

Roan não teve tempo para se preparar, pois, tão logo os viu, os cães de tamanho anormal e olhos avermelhados partiram para o ataque. Pela primeira vez até então, Roan quis recuar, devido à desvantagem em que se encontrava. Entretanto, aquelas bestas caninas se mostraram muito desordenadas em seus avanços. Quando parecia que pulariam sobre ele para abocanhá-lo com seus dentes cruelmente afiados, erravam o alvo e mordiam o ar. Sempre que isso ocorria, Roan não perdia tempo e trespassava a lâmina de sua espada pelo pescoço do animal da vez. Desse modo, decapitou um cão após o outro, até não restar nenhum.

– Cães infernais – ele bufou de desdém, chutando a cabeça de um deles pela janela.

Tomou a escada e seguiu avançando. No andar seguinte encontrou morcegos sem olhos e do tamanho de leões, que imporiam medo se a falta de visão não os tornasse alvos fáceis. Alguns chegaram a mordê-lo nos braços e pernas, mas sua roupa encouraçada impediu que os dentes afundassem em sua pele. Protegido, Roda os partiu ao meio com a espada.

No próximo piso foi atacado por esqueleto animados portando armas enferrujadas. Contra eles, bastava um pontapé bem aplicado em suas costelas para que se desmantelassem no chão, poupando Roan de desgastar em vão o fio de sua lâmina. Um andar depois teve que lidar com serpentes agressivas e aranhas do tamanho de cachorros. Após toda escada que subia, encontrava mais inimigos bestiais, suas feições sempre visíveis pela luz irradiando através das aberturas que serviam como janelas. Em todas as vezes, Roan saiu vitorioso e quase sem nenhum dano.

Subindo o último conjunto de escada, Roan se sentiu mais confiante do que nunca, tendo passado pelos desafios anteriores sem muitas dificuldades, questionando as aptidões dos guerreiros que vieram antes deles. Em seguida, recordou-se da promessa feita a ele próprio – sempre se manter atento. As histórias sobre a Princesa Thalia eram quase todas unânimes em dizer que os obstinados heróis padeciam diante do último desafio a ser enfrentado. Tentando abandonar a arrogância recém-adquirida, Roan chegou ao último andar daquela fortaleza.

Estava diante de uma pesada porta de carvalho. Hesitou antes de abri-la, primeiro respirando profundamente, se preparando para o que viesse. Depois, levou a mão até a madeira e a empurrou.

O cômodo era ricamente mobiliado e, diferente dos andares anteriores, repleto de cores. Eram os aposentos de um nobre, mais especificamente de uma princesa. A janela era, assim como as demais, apenas uma abertura, com nada que a distinguisse das outras quando vista do lado de fora da torre, conforme Roan lembrava de ter contemplado no topo da colina na última noite. O diferencial estava nas paredes internas, pintadas com requinte e cuidado.

Roan poderia apreciar o conforto e luxo do aposento, se não fosse pela figura encantador e bela o encarando, sentada à beira da cama. A jovem mulher era detentora de uma beleza exótica. Tinha a pele alva, não como a neve, mas como a palidez de uma pessoa adoecida. Os cabelos eram tão prateados

quanto os mais lustrosos talheres do banquete de uma corte real e o vestido que usava, dourado como o próprio sol.

De frente para tão sublime e estranho ser, Roan esqueceu de tudo, até mesmo do temido último monstro a ser derrotado. De todas as características da mulher, a que mais a lhe chamava atenção eram seus olhos cianos, se assemelhando a vitrais encantados. Estava perdidamente atraído por ela e não conseguia desviar o olhar.

– Princesa Thalia? – ele perguntou, parado feito estátua.

Já nem sentia mais seu próprio corpo e era incapaz de dizer se ainda tinha a espada em sua mão.

– Me chamo Thalia – confirmou a princesa. – E você é o valoroso herói que veio me resgatar?

– Sim! – exclamou Roan, cheio de expectativas.

Desejou até ela, a tomar nos braços e prometer protegê-la de todos os males do mundo. Mas seus passos se moveram com lentidão, tão forte era torpor que sentia.

– Mas eu não quero ser resgatada – disse Thalia, o fazendo parar no meio do caminho.

– Como? – ele ficou incrédulo.

Ela o perscrutou por um momento, movendo os olhos gélidos ao longo de seu corpo, avaliando cada pedaço seu.

– O que eu quero, é você – ela afirmou.

Aquilo foi, aos ouvidos de Roan, melhor que as mais doces melodias entoadas pelos mais incríveis menestréis. Tinha ido até lá para levar a princesa de volta e tomá-la por esposa como recompensa, mas agora tivera a confirmação de também ser desejado por ela. Talvez ela realmente não quisesse ser resgatada, e sim se juntar a ele por livre vontade.

– Thalia, eu... – ele não sabia bem o que dizer. – Nós precisamos ir.

A princesa se levantou de supetão e o coração de Roan palpitou de forma frenética. Tudo estava ocorrendo como ele sonhara. Seria o herói responsável por salvar Princesa Thalia, viveria um grande amor ao lado dela e juntos teriam um longo e glorioso reinado.

Em meio à euforia, os olhos de Roan ficaram pesados. Sua vista aos poucos se tornou embaçada e a única coisa que distinguiu foram os olhos de Thalia. O fulgor nas íris pareceu ter se intensificado. Não muito depois, ele tombou, incapaz de se manter acordado.

Abrindo os olhos novamente, Roan não sabia dizer quanto tempo ficara inconsciente. Estava sentado em uma cadeira, com cordas o prendendo. O mundo girava ao seu redor e a cabeça latejada. A dor mais intensa, contudo, estava em seu ombro direito. Sentia fisgadas e contrações, e ele teria gritado se não se descobrisse sem forças. Virando vagarosamente a cabeça para o ombro, o viu coberto por faixas ensanguentadas e apenas um espaço vazio onde deveria estar seu braço.

– Mas o quê?!

Ele se sobressaltou e teria pulado da cadeira se não fosse impedido pelas amarras.

– O que aconteceu com o meu braço? – ele perguntou para ninguém. Depois recordou de onde estava. – Thalia, cadê você?

A vista voltou a clarear e ele pôde discernir novamente cada elemento do recinto. Mais do que isso, ele deu atenção ao seu olfato, sentindo cheiro de fumaça e carne queimada. Deixou o queixo cair ao localizar Thalia ao lado de um braseiro próximo à parede. O fogo estava aceso e ela assava um braço humano. E não qualquer braço, ela estava assando o braço de Roan.

– Thalia! – ele gritou, ainda tentando assimilar o que via. – Por que está fazendo isso?

– Eu disse que queria você – ela respondeu, sem olhar para ele.

– D-desse jeito?

Roan tinha ciência do quanto sua voz saía trêmula e do desespero em seu tom. Do outro lado do cômodo, Thalia continuava serena e apaziguada. Ela se dignou a olhar na direção dele e Roan não a considerou mais tão bonita. Suas feições físicas e seu semblante continuavam os mesmos de antes, mas agora não agradavam aos olhos de Roan.

– Eu também preciso me alimentar – ela explicou.

– Com carne humana?! – Roan resmungou mais do que perguntou. – Com a minha carne? Você é perturbada!

Thalia foi até a cômoda mais próxima e retirou um leque de uma das gavetas. Voltou para o lado do braseiro e abanou as chamas.

– Não sou perturbada, sou uma *vourdak*.

– Uma o quê? – Roan não conhecia aquela palavra.

– É o que vocês humanos chamam de vampiro.

Roan ignorou as dores no corpo e o latejar na cabeça. O pavor lhe consumia mais, acompanhado por muitas dúvidas tolamente elaboradas. Não faria nenhuma diferença se elas fossem esclarecidas, mesmo assim ele foi assolado pela morbidez curiosa a respeito das alegações de Thalia, visto ela nem mesmo se identificar como humana.

– Mas você é filha do rei, como pode ser uma vur-sei-lá-o-quê?

– A filha do rei morreu há muito tempo – ela revelou. – E eu nasci no corpo dela.

A revelação de que a Princesa Thalia na verdade estava morta foi tão impressionante quanto o fato da tal vampira expirar uma forte rajada de ar com um único sopro, apagando o fogo do braseiro. Roan ficou tão boquiaberto que poderia engolir um morcego inteiro.

– O rei temia que eu me alimentasse dos seus súditos, mas não conseguiu me matar – ela retomou a história. – Portanto, me enviou para este lugar e espalhou a história de que a Princesa Thalia estava esperando para ser salva por aquele que se mostrasse digno de ser seu sucessor.

– Por que... Para que ele fez isso?

– Para sempre ter um imbecil como você tentando salvar a princesa com a intenção de se tornar o novo rei. Assim eu continuo me alimentando e evito sair desse lugar.

Tudo começava a fazer sentido para Roan. O troll e os outros monstros enfrentados na torre foram inimigos fáceis porque não tinham o objetivo de afugentar os pretensos salvadores da princesa, mas sim lhes dar uma sensação de serem um desafio com uma recompensa adiante. Os contos, canções e cantigas sobre a Princesa Thalia só esqueciam de mencionar que a própria princesa era o verdadeiro perigo.

Roan era incapaz de se sentir enganado. A situação em que tinha se enfiado não o permitia sentir-se idiota por cair naquela armadilha, atraído por histórias fabulosas, porque era óbvio que tinha sido ludibriado. A emoção a preenchê-lo era de puro pânico. Seus olhos quase saltavam para fora e o corpo inteiro tremeria com vigor se não estivesse preso às amarras. Para completar, ele se pegou molhando as calças quando a mulher que fingia ser Thalia cerrou os olhos na sua direção.

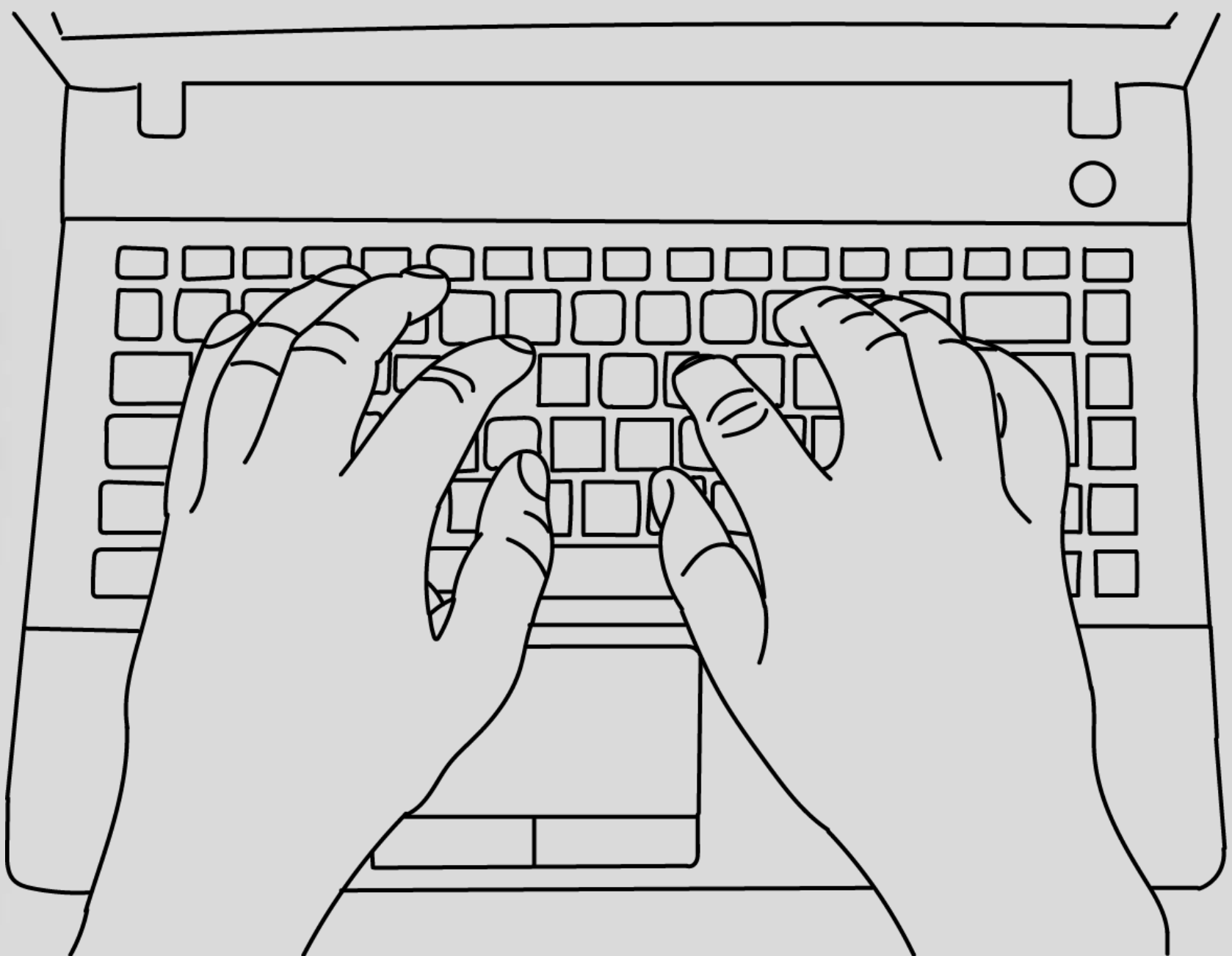
– Agora trate de ficar quieto enquanto eu como seu braço – ela ordenou, a voz fria e inerte. – Depois vou chupar o resto do seu sangue.

Ele não obedeceu, em vez disso começou a gritar por socorro. Ela não deu importância, apenas tomou nas mãos o braço assado e deu início a mais uma refeição.

Allan F. F. Gouvea é natural de Belém do Pará. Formado em Geologia, também se dedica à escrita. Teve os contos “O Tormento de um homem morto” publicado na antologia Desespere-se (2021), “Assassinato no Baile de Máscara” na antologia Desafie-se (2022) e “A Conspiração a Vapor” na antologia Encante-se (2022), todas pela Qualis Editora, e também publica contos em plataformas independentes. Em 2023 ingressou na Academia de Letras de Ananindeua/PA (ALANIN) como membro fundador, ocupando a cadeira 20, cujo patrono é Carlos Drummond de Andrade.

Instagram: [allanfgouvea](#)

Amazon: [Allan F. F. Gouvea](#)



Massacre da casa número 4

Por Manu Silva

Era uma casa antiga.

As paredes estavam manchadas com o mofo, o teto visivelmente caindo, o chão rangia e as portas batiam o tempo todo. Uma tempestade caía forte, deixando a noite cinzenta e fria, mas isso não abalou os quatro jovens que dirigiram um Fusca Azul em direção a tão misteriosa lenda, na noite de Halloween.

– Tem certeza que deveríamos ter vindo? – uma garota ruiva de aproximadamente dezoito anos perguntou, segurando com mais força a mão do namorado, um homem de cabelos castanhos cerca de um ano mais velho que ela.

– Não vai acontecer nada de ruim, Vee – ele tranquilizou-a, enquanto o irmão mais velho, Bruno Santos, tentava arrombar a porta da casa.

– Reza a lenda que você precisa pedir permissão pra entrar – Lara Herbert, a namorada de Bruno, comentou, com um sorriso malicioso.

– Eduardo, vamos pra casa – Vera pediu, puxando com força a mão do namorado, como se ainda fosse uma criança. – É Halloween, a sessão de terror do TeleCine vai ser mais interessante, ou podemos assistir Netflix. E nem reclame que meu tio vai estar em casa porque ele teve que ir pra puta que pariu resolver uns rolos.

– Se sairmos agora, Bruno e Lara não vão nos deixar em paz – Eduardo lembrou-a, bagunçando seu cabelo ruivo. – Fica tranquila, amor, eu te protejo – abraçou-a rapidamente para comprovar a ela que estava segura em seus braços.

– Amarelado, Oliveira? – provocou Bruno, rindo e deixando Lara inspecionar a porta.

– É claro que não – a ruiva era orgulhosa demais para admitir estar com medo na frente de qualquer pessoa. Não ia dar o braço a torcer. – Agora que já estamos aqui, vamos entrar.

– Com licença... – murmurou a morena, batendo na porta.

– Ninguém tá se pegando, Lara... – o Santos mais velho revidou, antes de perceber que não era com eles que ela falava.

Ao ouvir as palavras da garota, a porta abriu-se. Vera mordeu o lábio para não gritar, não poderia se mostrar fraca.

Já fazia alguns dias que Bruno tinha ouvido lendas sobre aquela casa que ficava afastada da cidade. Por conta da data e pela folga que tiveram na faculdade, decidiram ir passar a noite lá, apenas para “se divertir”. A princípio, quando o namorado lhe contou sobre os planos do irmão, a ruiva pensou fingir estar com dor de cabeça e aproveitar para maratona Bates Motel, uma série que ela tinha curiosidade de ver desde que foi lançada, mas desde que se conheciam, Lara gostava de provocá-la, portanto, não iria lhe dar um novo motivo para fazê-lo.

– É uma casa muito velha. – Eduardo explicou quando estavam a caminho, sentados lado a lado no banco de trás. – Há mais ou menos uma hora da cidade. Reza a lenda que lá vivia uma família, muitos anos atrás. Numa noite, houve uma invasão na casa, o pai tinha muitas dívidas, e os invasores lhe deram o prazo de duas semanas para pagar ou desaparecer, mas se não pagassem, morreriam mais cedo ou mais tarde. Desesperados por não terem dinheiro, eles encontraram uma velha bruxa que lançou um feitiço na casa, para que as pessoas só entrassem lá com a permissão deles, e caso eles morressem, nada poderia ser retirado da casa, e quem ousasse entrar, dificilmente sairia com vida. Bem, os caras voltaram duas semanas depois e encontraram a filha do casal sozinha em casa. Assustada, ela os deixou entrar e mais tarde, quando os pais chegaram, ambos foram massacrados, assim

como a criança. Os homens saquearam o local, mas quando tentaram sair... ninguém sabe o que aconteceu, apenas que a casa continua intacta.

Vera empalideceu, mas Eduardo a tranquilizou alegando que era apenas uma lenda, antes de beijar seus cabelos como sempre fazia quando ela estava assustada. A ruiva perdera a mãe quando tinha apenas oito anos. Márcia Oliveira faleceu devido a um câncer no pulmão, deixando a jovem traumatizada para o resto da vida, principalmente quando seu pai cometeu suicídio cinco anos depois e ela precisou ir morar com o tio, seu Chico, assim como os irmãos, Vanessa e Edmundo. Ele a levou à terapia durante muitos anos, mas a visão de encontrar o pai morto no chão do banheiro aterrorizou-a para o resto da vida.

Graças a uma dessas idas ao psicólogo, Vera conheceu Eduardo. Após a consulta, ela e o tio foram ao supermercado. Vera devia ter cerca de quinze anos na época e, antes de entrar, no estabelecimento, fora em busca de uma lixeira para jogar o chiclete fora, quando um homem agarrou-a e tentou levá-la para outro local. Eduardo, que estava por perto para presenciar a cena, correu para ajudá-la, conseguindo derrubar o homem com poucos golpes. A ruiva fugiu após o acontecimento e se escondeu do outro lado da rua, no parque, esperando a crise de ansiedade passar, mas ele procurou-a e ficou ao lado dela, segurando sua mão até que estivesse mais calma, antes de levá-la em segurança até o tio. A amizade foi praticamente instantânea, selada com uma troca de números de celular e, mais tarde, mensagens de texto, quando ambos perceberam que não sabiam o nome um do outro.

Após quase dois anos de uma boa amizade, Eduardo finalmente criou coragem e a pediu em namoro, próximo à árvore onde tinham se conhecido. Ela já tinha namorado alguns caras e outras garotas, mas nenhum deles fora paciente e compreensivo com ela da mesma forma que Eduardo era. Ele a apoiava durante todas as crises de ansiedade, a escutava pacientemente e tentava fazê-la rir de qualquer coisa, até mesmo de um pássaro pousando na janela.

– Têm certeza que quer entrar? – ele perguntou, depois de o outro casal já estar dentro da casa.

– Se eu tiver pesadelos, você vai estar lá pra me acalmar e explicar pro meu tio por que diabos acordei gritando as duas da madrugada? – ela revidou.

– Você sabe que sim.

– Então vamos – encheu-se de coragem e deu um passo à frente, ligando a lanterna que estava em suas mãos.

De mãos dadas, o casal entrou na casa, um arrepio passando pelo corpo de ambos ao fazê-lo. Estava tudo cheio de poeira, Edmundo teria surtado se estivesse ali. O sofá estava manchado de sangue, mas uma boneca de pano ainda se encontrava jogada lá, como se perguntasse: “por que estão aqui?”.

A mesa de centro estava quebrada e cacos de vidro cobriam o chão. A escada parecia prestes a ruir por causa da podridão, já a estante continha exemplares de livros escolares antigos e alguns romances que Vera nunca ouvira falar, além das manchas de sangue que tapava o título de alguns. Sob um balcão, estava a foto em preto e branco de uma menina. A criança usava sapatilhas e um vestido até o joelho, e segurava uma boneca. Usava os cabelos divididos em duas tranças e um chapéu na cabeça, exatamente como Vera costumava arrumar para o São João quando era mais nova.

– Será que foi aqui que ela morreu? – Vera perguntou, tocando a mancha de sangue no sofá.

– Ela quem, Vee? – Eduardo a questionou.

– A garotinha. Definitivamente, aquela casa não estava lhe fazendo bem.

Vera Pegou o porta-retrato e tirou a fotografia de dentro, lendo o que estava escrito atrás.

– Ingrid Fonseca. Nasceu em 1901. Foto tirada em 1908 – sentiu as lágrimas brotarem aos olhos, misturadas às imagens do pai morto no banheiro.

– Ela mal teve a chance de crescer, beijar alguém, descobrir o que realmente gosta de fazer... – um soluço escapou acidentalmente de seus lábios.

– Desculpa, meu amor – Eduardo passou o braço em torno dos ombros dela e segurou sua mão. – Foi uma péssima ideia te trazer aqui. Vamos esperar esses dois lá fora.

– Já desistiram? – Lara apareceu na porta do que deveria ser a cozinha da casa, apontando a lanterna diretamente para o rosto da ruiva.

– Ela não está bem – Eduardo sussurrou, como se ela não estivesse ali. Vera bateu levemente o cotovelo nas costelas dele.

– Só nada de fazer sexo no meu carro – Bruno advertiu, aparecendo atrás da namorada.

– Justo – o mais novo concordou. – Mas eu sei onde fica o estoque de balas – sussurrou no ouvido da namorada, enquanto ambos deixavam a casa de mãos dadas.

E então aconteceu.

A porta bateu, como se alguém tivesse a fechado por dentro. Quando Edu tentou abri-la, descobriram que estava trancada.

– Porra! – xingou. – Que brincadeira idiota é essa, Bruno Enzo Santos? Abre essa porta.

– Como eu poderia ter trancado a merda da porta se eu estou aqui, Eduardo João Santos? – perguntou Bruno, ainda atrás de Lara.

– Eduardo! – Vera praticamente gritou ao ver as letras se formarem na parede, aparentemente escritas com sangue.

“Quando você entrar nessa casa sem permissão, pode ter certeza que jamais sairá”.

– Bruno, para com essas piadas! – exigiu Eduardo.

– Mas eu juro que não fui eu! – Bruno também estava pálido, encarando as letras.

– Se não é você, deve ser o Cleiton, o João ou Roberto sob suas ordens.

Roberto era o melhor amigo de Eduardo desde a infância e tinha jurado vingar-se, depois que ele e a irmã mais nova, Rosinha, tiraram os pneus de seu carro e esconderam no último dia da mentira.

– Cleiton está em casa! – Lara garantiu, afinal, eram irmãos. – E pelo que sei João e Joana iam a uma festa de aniversário do irmão mais novo.

– Não deviam estar aqui – uma voz de criança sussurrou ao longe.

– Porra, vocês meteram até a Rosinha nisso? – Vera perguntou, irritada e assustada ao mesmo tempo.

– Pela última vez a gente não tá fazendo nada! – Bruno quase gritou. – Se fosse uma pegadinha planejada por mim, pode ter certeza que seria num lugar mais perto e você não estaria metida nesse rolo.

Mais da metade da faculdade sabia dos problemas psicológicos de Vera, principalmente depois que a encontraram chorando no banheiro feminino, com os pulsos arranhados por ela mesma, na falta de uma lâmina.

– Gente, tem alguma coisa se mexendo... – a morena apontou para outra porta, que outrora estava fechada, mas agora revelava o que parecia ser uma criança coberta de sangue, se arrastando em direção a eles.

– Ingrid... – Vera murmurou.

– Quem? – perguntou Bruno.

– A criança da foto... – sentia-se prestes a desmaiar.

– Corre! – ouviu alguém gritar.

Os braços fortes de Eduardo a ergueram o mais depressa possível e, em poucos segundos, estavam correndo escada acima. Até um barulho ser ouvido.

– Lara! – gritou Bruno.

A escada tinha cedido antes da morena conseguir chegar ao topo. Seus gritos ecoaram na mente de Vera, enquanto a outra garota tentava se levantar de onde tinha caído, porém, o que quer que fosse aquilo, alcançou-a e, com o que pareciam garras, abriu sua garganta.

– Não têm nada que a gente possa fazer por ela – murmurou Eduardo, ainda segurando Vera por cima do ombro. – Têm alguma janela por aqui?

– Ali – Bruno apontou para um dos quartos. – Mas que porcaria...

Uma espécie de roda de garrafas estava no chão do quarto, com velas acendidas ao redor. O Santos mais velho se aproximou e chutou-as, mas ao fazê-lo, algo atingiu sua nuca. A maioria dos homens teria entrado em pânico, mas a ruiva ouviu Eduardo respirar fundo apenas uma vez antes de voltar a correr, os gritos de seu irmão ecoando por mais alguns segundos antes de pararem. E então, Vera se viu caindo da janela e, em seguida, o mundo escureceu.

Quando acordou, estava deitada num quarto branco. Sua cabeça latejava e alguém segurava sua mão.

– Eduardo? – chamou.

– Estou aqui – ele tinha o rosto vermelho, como se estivesse chorando a poucos segundos.

Próximo ao nariz, pontos recém feitos chamaram sua atenção, assim como o sangue seco em sua roupa. – Sinto muito, Vee.

– O que aconteceu? – perguntou, fraca.

– Eu te joguei da janela. Foi a única forma de sair de lá. Tentei voltar para buscar meu irmão, mas a casa começou a pegar fogo, então apenas pulei atrás, coloquei você no carro e dirigi até o hospital, onde liguei pro seu tio.

– E ele te deu um soco?

– Por incrível que pareça, não – ele suspirou. – Ele apenas reuniu uma equipe e foram até a casa. De alguma forma ela cuspiu os dois pra fora,

mortos. Você levou dez pontos na testa e seu pulso tá quebrado. Me perdoe, foi minha culpa...

– Não foi sua culpa. Deita aqui comigo?

– As enfermeiras me matariam...

– Que se fodam as enfermeiras. Só vem aqui.

Com cuidado, ele deitou-se ao lado dela, de forma que sua cabeça descansasse em seu peito.

– Nós conseguimos – ele murmurou. – Saímos da casa.

– Será? – Vera perguntou-se. – Ou será que pagaremos mais tarde?

[...]

Vinte anos da morte de Bruno Enzo Santos e Lara Herbert.

"A vinte anos atrás, um grupo de amigos decidiu aventurar-se numa casa que diziam ser mal-assombrada. Para seu azar, coisas estranhas aconteceram e Santos e Herbert acabaram perdendo suas vidas naquele dia, seus corpos foram encontrados irreconhecíveis algumas horas depois. O evento ficou conhecido como 'Massacre na casa quatro', tendo em vista o número da casa.

A polícia investigou o local e acabou deduzindo se tratar de algum psicopata que perdeu a vida durante um incêndio que reduziu o local a pó e o caso foi dado como encerrado. Os dois amigos do casal não quiseram dar entrevista, mas até onde se sabe, mudaram-se alguns dias após o acontecimento e nunca mais regressaram..."

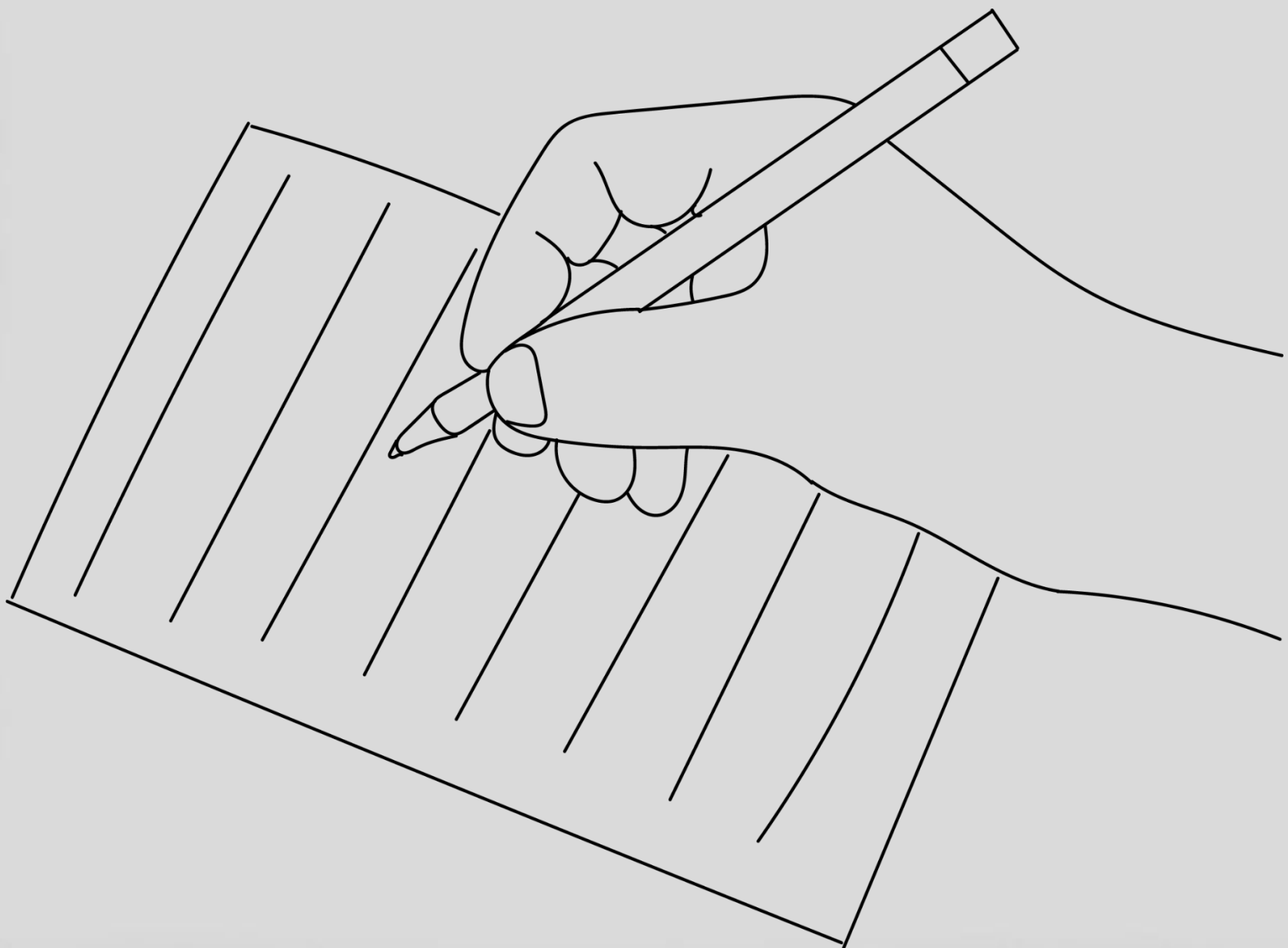
– Mãe, a senhora se importa de não queimar os quadrinhos? – Betinho Santos perguntou, largando a xícara de café ao ver a mãe enfurecer-se e pegar o fósforo. Para um garoto de catorze anos, ele era muito bom em ler as expressões faciais dos outros.

- Aqui – rasgou a página desejada pelo filho e entregou-lhe.
- O que aconteceu, amor? – perguntou Eduardo, abraçando a esposa por trás.
- A casa. Saímos dela, mas parece que ela nunca sairá de nós.

Manu Silva, natural de Santa Catarina, é uma escritora amadora desde muito jovem, criada em total contato com os livros e a arte. Já foi medalhista em algumas competições de poesias locais e também é uma grande fã do terror e histórias de ficção.

TikTok: [lunablanca_5](#)

Wattpad: [lunablanca_5](#)



O caso do hóspede ao acaso

Por Biana Vendramini

Não se sabe em que momento Roberto virou na bifurcação errada e adentrou em uma propriedade privada ao trespassar um suntuoso portão enferrujado que se encontrava aberto, pois não conseguia enxergar quatro palmos à frente na estrada, tornando propício atropelar qualquer animal que cruzasse seu caminho subitamente ou até mesmo bater no tronco de uma árvore.

Já fazia horas que estava dirigindo na BR-116 no meio daquele temporal noturno infundável que mais parecia o prenúncio do fim do mundo, na tentativa agonizante de chegar à sua cidade o quanto antes após uma viagem de negócios. Apenas se sabe que, de alguma forma, foi tragado para aquela mansão decrepita se assemelhando mais a um mausoléu do que de fato uma residência, localizada sabe-se lá onde, de uma imensa propriedade descampada e erma daquele fim de mundo. Coincidentemente o motor de seu Monza 84 resolveu pifar exatamente em frente a tal edificação, como se convenientemente o destino estivesse intervindo a seu desfavor para fazê-lo parar ali.

Correu o mais rápido que pôde na tentativa inútil das roupas não ficarem tão encharcadas, entretanto, não conseguiu evitar sujar o sapato e a barra da calça nas poças de lama. Ficou um tanto temeroso, mas se viu sem saída, então, sem pensar muito, deu três batidas na porta de entrada com uma das imensas aldravas enferrujadas que possuíam a faceta de algum animal ou ser intimidador com sua bocarra aberta e cheia de presas pontiagudas. Contudo, a porta se abriu sozinha em um rangido parecido com o som de uma alma penada agonizando e, por mais que sua espinha se arrepiasse somente de fitar tal cenário horripilante e imaginar que certamente nada de bom o aguardava ali, não havia outra escolha senão pedir abrigo e torcer para que a

chuva torrencial cessasse pela manhã e assim, finalmente pudesse ir embora dali o quanto antes.

Assim que fechou a porta e acessou o extenso hall de entrada, atentou-se aos rangidos que a madeira envelhecida do piso fazia com seus receosos passos e, imediatamente, uma sensação de estar sendo observado começou a invadi-lo como uma sirene de alerta. Olhou atentamente para todas as direções, porém, nada viu ou ouviu além de um completo breu no local e a chuva pelo vitral colorido da entrada, acompanhada dos típicos relâmpagos e trovões estrondosos. Mal sabia que aquela sensação de nunca estar sozinho não o abandonaria.

— Olá, boa noite... — pronunciou-se quase em sussurro. — Olá? — indagou novamente com a esperança vã de alguma alma viva aparecer, entretanto, nenhum retorno além do caos persistente do lado de fora. — Meu carro enguiçou em sua propriedade e a porta estava aberta... — engoliu em seco tentando soar o mais natural possível e deixar claro que não era nenhum ladrão, enquanto avançava hall adentro com uma suntuosa escadaria sob uma tapeçaria rubra para o andar superior à frente. — E com a tempestade não posso procurar o mecânico mais próximo...

Subitamente uma distinta voz, provinda de uma das extremidades do piso superior, ecoou pelo recinto:

— Eu sei.

Logo um trissar pôde ser ouvido segundos antes de uma criatura negra de aproximadamente quatro palmos de comprimento atirar-se em um voo rasante sobre a cabeça do intruso, que curvou o tronco de sobressalto para não ser atingido por seja lá o que fosse.

“O que foi isso?” — pensou enquanto fazia o sinal da cruz com uma das mãos. — Tanto lugar para esse bendito carro quebrar e resolve pifar em frente a esse lugar decrepito que certamente é mal-assombrado... — sussurrou consigo mesmo.

– Não há nenhum espírito aqui, nenhum morto pelo menos – afirmou a voz misteriosa em tom de zombaria, ecoando do lado oposto do saguão.

– Misericórdia... – exasperou-se Roberto já completamente arrependido de ter adentrado naquele lugar, fitando todos os lados em busca do dono da voz. – Só pode ser o capiroto – supôs tirando imediatamente de dentro da camisa sua corrente de prata com um crucifixo que carregava no pescoço, apontando-a em todas as direções como uma espécie de escudo – Jesus és meu amigo, Jesus és meu irmão – começou a cantarolar em murmúrio na intenção de espantar qualquer alma ou ser nefasto que pudesse residir ali.

– Se ficará em minha residência, mantenha este crucifixo bem guardado, pois tenho alergia – determinou a voz seriamente.

“Já nem sei se ficar aqui ainda é uma boa opção...” concluiu consigo mesmo.

Um novo trissar pôde ser ouvido ressoando de uma extremidade a outra acima da cabeça do homem que mantinha determinadamente o crucifixo estendido à frente de seu corpo.

– Avaliando o estado da tempestade lá fora, você não tem muita escolha, meu caro – o dono da voz parecia estar em constante movimento.

– Jesus és meu amigo, Jesus és meu irmão... – Roberto persistia em murmurar seu clamor na esperança vã de que pudesse surtir algum efeito à medida que dava passos cautelosos para trás em direção a porta pela qual entrou.

Já não se importava mais se havia um holocausto em forma de chuva lá fora, naquele momento em que podia sentir sua espinha gelar a cada cinco segundos, se arriscar em um temporal seria uma opção melhor do que permanecer em um local onde seria uma presa fácil para seja lá que criação abominável estivesse com pretensões de matá-lo lenta e dolorosamente. Entretanto, ao se virar para puxar a aldrava da porta, deu de cara com um indivíduo que surgiu misteriosamente, arrancando-o um grito de susto que

mais soou como um grasnido. Acabou tropeçando nas próprias pernas e caindo de bunda.

– Pelo amor de Deus, tenha piedade... – choramingou de olhos fechados, prevendo seu fim iminente.

Após longos segundos de um silêncio duvidoso, Roberto reuniu o pouco de coragem que ainda lhe restava, abriu-os para entender o que se passava e por fim fitou claramente o sujeito parado à sua frente, o encarando com uma expressão intrigada. Aparentava não ser velho nem jovem, porém sua pele era extremamente pálida, sugerindo, provavelmente, nunca ter pegado sol em toda sua vida. Os cabelos eram de um negro profundo e vivaz, assim como suas irises.

– Se prefere pernoitar aí no chão, por mim tudo bem – deu de ombros o sombrio anfitrião. – Mas caso queira, há camas bem confortáveis no andar superior – ofereceu-lhe a mão que, após certa hesitação do amedrontado, pegou-a sendo auxiliado a levantar-se. – Vladelauro a seu dispor.

– Bem... Me chamo Roberto. Sinto muito, não era minha intenção invadir sua residência. “Se é que esse lugar cabreiro possa ser chamado de residência” – pensou involuntariamente. – Imagine, não precisa se incomodar comigo, não quero ser um estorvo.

– Pois eu insisto, como pode notar quarto é o que não falta por aqui.

– Se realmente não for muito incômodo... Mas olhe, infelizmente não disponho de nenhum valor no momento para lhe pagar pela estadia, mas juro que...

– Não é incômodo algum – cortou Vladelauro –, afinal não é todo dia que recebo um visitante inesperado. Não se preocupe com isso, pois é meu convidado a partir de agora. Caso faça tanta questão, poderá me pagar com uma boa prosa e... Bem, deixemos esses meros detalhes para depois. Me acompanhe – solicitou ao novo hóspede e dirigiu-se a à escadaria para o piso superior.

Atravessaram um extenso corredor bem iluminado por candelabros e repleto de variados quadros, alguns contendo paisagens campestres e urbanas, e outros, retratos. Então notou um que se tratava de um retrato onde o sujeito estava em uma pose imponente com trajes extravagantes de uma época distante, com madeixas longas presas em um rabo de cavalo. Contudo, o que o deixou realmente intrigado foi a descrição gravada na parte inferior da moldura “Conde Vladelauro III – 1456”.

– Não me diga que... – gaguejou Roberto com espanto.

– Sim, sou eu mesmo nesta pintura e para encurtarmos a história, sou um vampiro. No caso, um dos primeiros de minha espécie.

– Agora tudo faz sentido... – concluiu antes de se estabacar no chão ao desmaiar.

– Humanos... – suspirou o ser vampiresco revirando os olhos. – Continuam os mesmos...

[...]

Na manhã seguinte Roberto acordou em um rompante, como se tivesse despertado de um pesadelo profundo e, com isso, acabou batendo a testa no volante. Soltou um praguejo seguido de uma lamúria, porém, assim que recobrou minimamente a consciência situacional se deu conta de que estava dentro de seu Monza 84. O carro encontrava-se estacionado no acostamento da rodovia que ele supôs ser a BR-116, pois foi onde se lembrava de ter estado pela última vez antes de ir parar naquela propriedade cabreira. No entanto, não saberia dizer com certeza, pois o horizonte estava encoberto pela densa neblina da serra, lhe impedindo de enxergar a quatro palmos de distância. Observou o relógio do painel do carro, marcava exatamente sete horas da manhã em ponto.

– Meu Deus... Se tudo isso foi um sonho, então foi o sonho mais real que já tive na minha vida... – constatou ainda um tanto atordoado, questionando consigo mesmo se os eventos da noite passada foram reais ou não.

Mal sabia que estava estacionado exatamente na bifurcação que o havia levado a seu anfitrião vampírico. Mas obviamente que não iria permanecer naquela estrada erma para tirar prova de suas suposições. Foi então que tirou sua corrente de prata de dentro da camisa e beijou o crucifixo como um ato de agradecimento.

– Obrigado por vigiar essa ovelha, meu senhor...

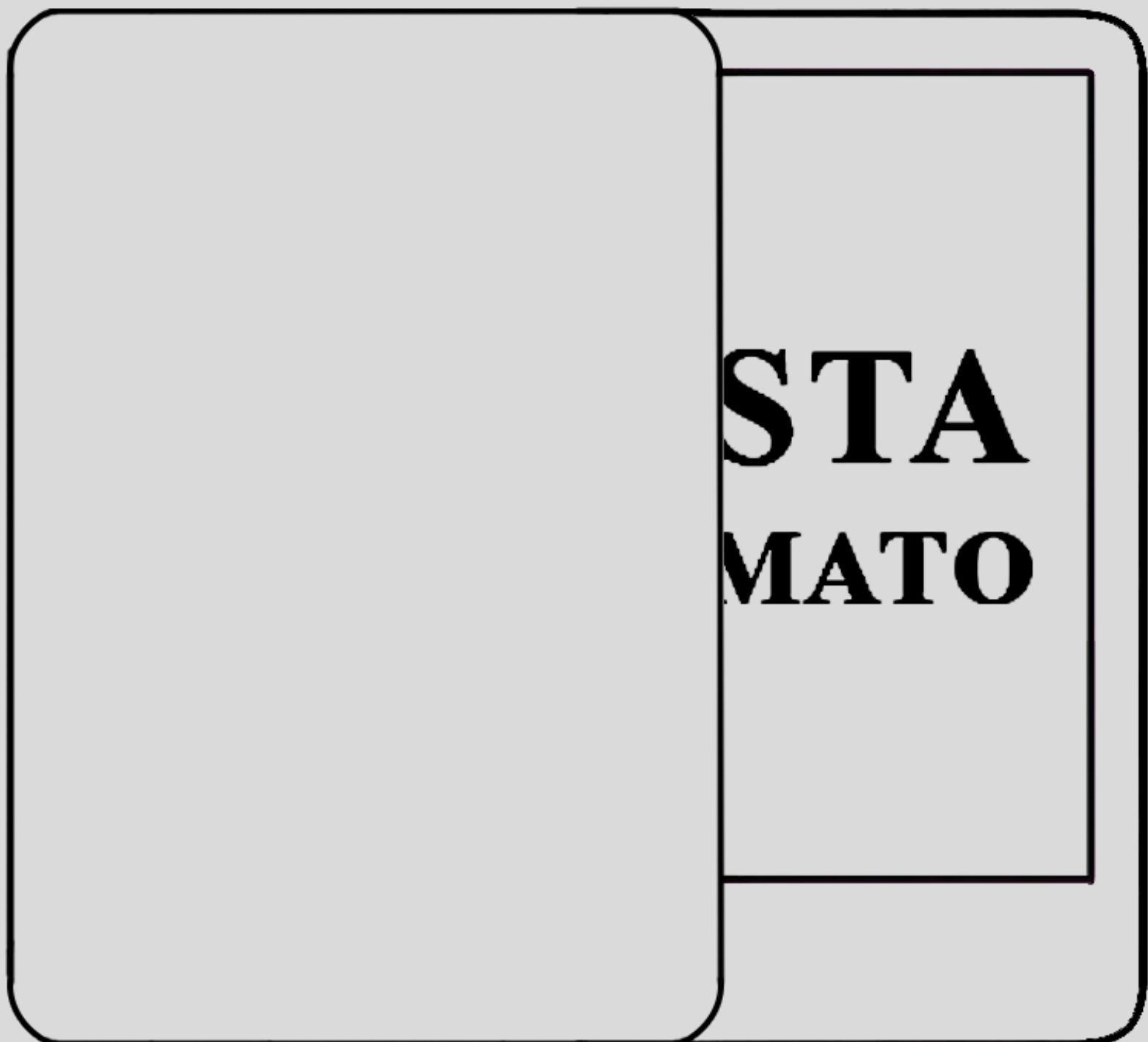
Sem perda de tempo, girou a chave no painel e afundou o pé no acelerador como se sua vida dependesse disso. O Monza 84 arrancou com o motor pipocando e desapareceu engolido pela neblina. Conforme ultrapassava os noventa quilômetros por hora, uma leve irritação no pulso começou a incomodá-lo, fazendo-o coçar, sobre a manga da camisa, o local a todo instante. Com a ardência a aumentar gradativamente, se viu na necessidade de arregaçar a manga para verificar o motivo de tamanho incômodo. Foi quando identificou duas perfurações alinhadas exatamente sobre a região da veia, como se tivesse sido mordido por algum animal com caninos extremamente pontiagudos. Imediatamente os pontos se ligaram em sua mente com tamanha prova cabal. Em uma reação involuntária, pisou abruptamente no freio, com o carro quase a derrapar antes de parar totalmente no meio da rodovia. A única coisa que conseguiu pronunciar, após longos minutos boquiaberto em tamanha perplexidade, foi:

– Vampiro filho da puta!

Biana Vendramini é paulistana, amante da literatura e escritora contumaz desde 2015 dos gêneros fantasia, comédia, romance, drama, mas principalmente de terror e suspense que são seus favoritos. Possui contos publicados em revistas e antologias. Almeja instigar leitores, fazer a diferença na literatura brasileira e deixar seu legado na história através de suas palavras.

Instagram: [biana.vendramini](https://www.instagram.com/biana.vendramini)

Inkspired: [Biana Vendramini](https://www.inkspired.com.br/author/biana-vendramini)



Serra do Rola-Moça

Por Thays Diniz

*“(...) Ali, Fortuna inviolável!
O casco pisara em falso.
Dão noiva e cavalo um salto
Precipitados no abismo.
Nem o baque se escutou.
Faz um silêncio de morte,
Na altura tudo era paz ...
Chicoteado o seu cavalo,
No vão do despenhadeiro
O noivo se despenhou.
E a Serra do Rola-Moça
Rola-Moça se chamou.”*

Serra do Rola-Moça – Mário de Andrade

As várias faces do amor

Ana respirou o ar puro da serra e, com os olhos atentos, admirou as belezas locais. Distanciou-se um pouco do grupo para fotografar uma canelade-ema com as pétalas lilás ainda banhadas pelo orvalho.

Quando voltou para a trilha avistou Beatriz esperando-lhe próxima à bifurcação. A garota loira a observava com um sorriso largo no rosto. Correu até ela, no fundo, se sentindo um pouco culpada por atrasar a caminhada da amiga. Parou colocando a mão sobre os joelhos e perguntou um pouco ofegante:

– Obrigada por me esperar. Então, qual é o caminho?

– Por aqui – Beatriz apontou a trilha da direita. – Não devem estar muito longe.

Os minutos passaram agradáveis conforme seguiam pela trilha. Ana caminhava distraída com a fauna e flora local, parando uma hora ou outra para eternizar uma bela imagem com sua câmera.

Beatriz a observava de soslaio admirando os cabelos castanhos bagunçados pelo vento e a tez queimada pelo sol. Com a proximidade de Ana, podia sentir seu perfume de flores silvestres. Deleitava-se ao observar o corpo esbelto da garota à medida que as roupas aderiam cada vez mais ao corpo suado. Obrigava-se a memorizar cada gesto da outra a fim de guardar para sempre aquele momento em suas lembranças.

Os minutos transformaram-se em horas e, quando o calor se tornou insuportável, Ana parou a beira de um riacho para se refrescar. Em seu íntimo, sabia que haviam se perdido, não existindo sinal do grupo em lugar algum, apenas o barulho das aves e da água cristalina correndo entre as rochas. Escolheu as melhores palavras para não apavorar Beatriz, afinal, sabia que a amiga possuía um humor instável.

– Acho que deveríamos voltar pela trilha. Podemos ter virado na direção errada na última bifurcação.

– Não se preocupe Ana, estamos no caminho certo, apenas nos atrasamos um pouco. Os outros devem estar nos esperando em alguma sombra, precisamos apenas apressar o passo para os alcançarmos.

– Não há pegadas na trilha Bia, nada que indique que passaram por aqui.

– Você virou uma especialista em selva agora? – Beatriz assumiu o seu peculiar ar zombeteiro. – Se não confia em mim, ligue para o João.

– Caso não tenha notado, não tem sinal aqui.

– Então é melhor continuarmos em frente, tenho certeza que o grupo seguiu a trilha da direita.

Ana levantou-se em silêncio e seguiu a amiga pela trilha que se tornava cada vez mais estreita e cheia de obstáculos. Exaustas, caminharam até as ruínas de um velho forte que se erguia no meio da mata. Dividiram os alimentos e o restante da água que possuíam.

Encostando-se em sua mochila, Ana sentiu a dor que se espalhava por suas pernas. Seria incapaz de se levantar e dar mais um passo, então, resolveu permanecer ali por alguns minutos antes de continuar. Olhou para Beatriz, que ainda estava distraída tirando pedrinhas que haviam entrado em seu tênis, e resolveu fechar os olhos e relaxar um pouco.

Ana levantou-se com um salto ouvindo o barulho de tambores ressoando. Com o coração acelerado, enxergou apenas a luz pálida que entrava pelas frestas, iluminando minimamente o interior do forte. Dirigiu-se em silêncio à entrada tentando não tropeçar nos entulhos espalhados pelo chão.

Observou estarrecida que homens cercavam as ruínas, rostos descarnados e corpos cobertos por chagas, o cheiro pútrido enchendo o ar a deixando nauseada. Sentiu uma mão em seu ombro e em um impulso pôs-se a correr, mas, tropeçou em algo e foi de cara no chão. Dedos ossudos seguraram seu braço a obrigando a encarar as órbitas vazias onde os vermes faziam morada. A garota gritou horrorizada se debatendo contra aquilo que julgou ser um homem. O corpo se despedaçou sobre o seu quando Beatriz o acertou em cheio com um galho de árvore. Ana não teve tempo para se recompor, sendo puxada pelos braços da amiga e recomeçando uma corrida desenfreada pela mata. Sentia a vegetação rasgar suas vestes e cortar seu corpo, mas não tinha coragem de parar e muito menos de olhar para trás.

Ana agarrou-se a um aglomerado de pedras, tendo apenas o luar para guiá-la na descida ao grotão. Sentiu a pedra soltar-se da mão e, em uma tentativa desesperada de se segurar, puxou Beatriz consigo para o fundo da depressão. A dor invadiu seu corpo enquanto se chocava contra o solo. Sentiu o gosto metálico do sangue invadir sua boca e, quando finalmente parou de rolar, permaneceu por alguns segundos estirada no chão, ouvindo os próprios batimentos cardíacos acelerados. Reuniu a coragem e a força que lhe restavam para se levantar, porém, sentiu uma profunda dor em seu tornozelo que a fez desistir de se manter em pé. A escuridão a impedia de enxergar a sua volta, um silêncio mórbido engolia até mesmo os barulhos característicos

da mata. Gritou desesperadamente por Beatriz sem obter resposta. Tremendo de medo e frio, se abraçou ao próprio corpo, deixando que as lágrimas banhassem sua face.

Uma voz doce e melodiosa sussurrou em seus ouvidos:

– Um amor por uma vida.

Ana olhou espantada na direção da voz e, no mesmo instante, seu coração parou de bater e o sangue gelou em suas veias. Avistou uma mulher de cabelos negros desgrenhados ainda presos em um véu. Metade do seu rosto estava deformado e os farrapos do vestido branco não cobriam a carne devorada pelos vermes e os ossos quebrados. Ela vinha montada em uma carcaça de cavalo, a encarando com olhos frios e mortais.

Ana arregalou os olhos em compreensão ao lembrar-se da história contada pelo guia da excursão entorno da fogueira do acampamento, as palavras sussurradas com ar de mistério ecoaram em sua mente: “A noiva voltava pela Serra após a cerimônia de casamento com seu afortunado marido e o cavalo escorregou no cascalho e ela caiu no grotão. A Serra recebeu o nome de rola moça em sua homenagem, tornando-se a sua eterna morada, ela por aqui vaga a amaldiçoar os enamorados que ousam desfrutar da dádiva que lhe foi negada.”

Ana sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo, se pela lembrança da trágica história de amor ou pelo impacto da pedrada que afundou o seu crânio a garota nunca teve a chance de descobrir. O sangue escorreu por seu rosto, os pensamentos se tornaram distantes e sentiu o corpo desfalecer. Bia largou a pedra no chão e a amparou em seus braços, sussurrando palavras incompreensíveis ao pé de seu ouvido.

Ana nunca esteve tão bela como naquele momento em que Beatriz a mantinha em seus braços. Lembrava-se do seu último sorriso quando a viu admirar um Ipê Amarelo e capturou o exato instante em que um beija-flor

sugava o néctar. O sorriso que iluminou o seu dia, que fez o seu coração bater descompassado e que a fez desejá-la somente para si.

Beatriz selou seus lábios nos dela, que agora encontravam-se frios e rígidos, os olhos semiabertos ainda a fitando de forma acusadora. Depois de tudo o que passou, Ana deveria compreendê-la e amá-la, mas sua face mumificada demonstrava apenas horror. Não era sua culpa se o destino de Ana não lhe pertencia, ela apenas pagou um pequeno preço por sua vida.



Parque Estadual da Serra do Rola Moça/MG. Fotografia: Thays Diniz.

Thays Diniz, natural de Minas Gerais, é uma escritora amadora que se dedica esforço ao seu hobby. Seu talento e dedicação foram reconhecidos ao conquistar a medalha de prata no concurso de escrita "Mitologia Grega" no renomado site Inkspired, com o conto "O mal do século XXI". Também é uma atenciosa ouvinte de causos e apreciadora de boas prosas. Seu lar são ficções voltadas à tragédia e ao dramático.

Inkspired: [Thays Diniz](#)

O Canavial

Por Silva Writer

Caro Assis, quanto ao conteúdo de meu relato, peço-lhe encarecidamente que não me tomes por um velho perturbado. É bem verdade, nada há mais traiçoeiro que o medo na mente dos homens, mas lhe asseguro que minhas memórias daquelas noites nefastas estão tão vívidas quanto as paixões da mocidade. Em janeiro de 1975, eu estava no vigor dos meus vinte e três anos quando ainda cursava direito no Recife. Nos meses que antecederam o ano-novo, eu vivia a primavera tolice da paixão. Luzia... dona de meus versos e pensamentos. Oh sim, vez ou outra me arriscava na poesia, embora as rimas sempre me abandonassem nas entrelinhas. Desde que a encontrei num restaurante do centro, cheia de sorrisos e boas conversas, a morena falava-me de sua vida no interior, do trabalho da família na roça e bem como as lendas que assustavam crianças durante a noite. Me conheces bem para saber que sempre fui um homem dado aos livros e cético quanto às numerosas superstições que correm de boca em boca como as fofocas das senhoras desocupadas. Todavia, admito que considerava um aspecto cultural interessante, mesmo que completamente fantasioso.

Entretanto, meu estimado amigo... a viagem até Gravatá abalou minhas convicções racionais. Logo saberás o porquê. A princípio, a ideia de conhecer meus futuros sogros não me assustava como temeriam os jovens em tal situação. Afinal, eu era um bom partido, como dizem as boas línguas: Estudado, nascido numa família tradicional e em pouco tempo teria minha própria firma. Afirmo como um tolo apaixonado que Luzia era diferente das mulheres que conheci em minha vida boêmia. Atraente de fato, porém não haviam máscaras em sua face. Ela dizia-me o que realmente pensava numa bela simplicidade que me atraiu sobremaneira durante nossos encontros. Em

meu ímpeto jovial, e a contragosto de meu severo pai, apenas lhe disse que casaria com quem eu bem quisesse, bem-nascida ou não.

Partimos do Recife em meu saudoso Chevette azul até a cidade natal de minha amada. Deixando o alvoreçado centro urbano para trás, as estradas ainda eram de barro naquela época, embora o percurso irregular fosse atenuado pela minha doce companhia. Os oitenta e quatro quilômetros logo se foram entre causos e risadas. Sei que aprecias os detalhes como um bom vinho, então saliento que no tocante à geografia, a cidade é um meio termo entre a Zona da Mata e o Sertão. Quanto ao clima, Luzia dissera-me que o humor de São Pedro variava bastante naquelas bandas. Ora chovia demasiadamente, ora um calor demoníaco parecia nos possuir. Olhando pela janela do carro, fui recompensado com o peculiar contraste da vegetação que se alternava entre a sofrida caatinga e a rara mata atlântica.

Ao adentrarmos na cidade, logo nos deparamos com o Polo Moveleiro, um conhecido ponto turístico local dedicado sobretudo a obras do artesanato. Sempre fui um admirador da arte, ainda que minha destreza nesse quesito fosse completamente pífia. Lembrei-me com certo humor de minhas tortuosas tentativas com argila durante a infância. Diferente destas, o polo contava com belos entalhes de madeira, filtros e vasos de barro, esculturas de cerâmica, além de cordéis e pinturas a óleo que certamente causavam uma boa impressão aos visitantes. A respeito das esculturas, Assis... devo dizer que fiquei um tanto curioso. Por breves instantes jurei ter visto um cão, um grande cão preto no meio das santas.

Seguimos pela estrada passando por uma antiga paróquia, a Igreja Matriz de Santa Ana. As paredes alvas com adornos dourados da capela acompanham uma torre sineira de uns trinta e cinco metros. Luzia contou-me sobre a história. No final da década de 30 uma capela foi derrubada para que a nova se erguesse naquele lugar sob a invocação da padroeira da cidade. Diante da igreja, corajosamente vestido com uma batina preta naquele sol causticante, o vigário acenou para mim em cortesia. Não me demorei no olhar,

mas achei-o um tanto jovem para tal posição. Novamente ouvi outro relato sobre a cidade, o antigo padre fora encontrado morto quando alguns fieis intentavam confessar seus pecados. Desde então nunca se soube a verdadeira causa da morte, embora o povo fale que tenha sido envenenado por algum invejoso ou que o diabo tenha lhe carregado.

Por fim, chegamos ao nosso destino. Próximo a um canavial, no meio de uma verdejante, embora um tanto desértica, paisagem, erguia-se uma casa de taipa, mas não do método mais antigo, o pau-a-pique, como a maioria das moradias que vimos ao longo caminho, mas sim das que chamam de taipa de pilão. A edificação é batida com terra e madeira, o que torna a casa mais resistente em comparação à técnica anterior. Sabes que nunca fui um grande entusiasta da engenharia, então espero ter sido suficientemente claro, então perdoe-me se minhas descrições arquitetônicas foram um tanto vagas.

Pois bem, meus sogros eram dotados de uma simpatia que não se vê na cidade grande. Ambos me passavam uma serenidade convidativa e gentil, assim como Luzia tinha. Seus pais, Seu José e Dona Maria, eram um casal bem-apessoado e de sorriso fácil. Confesso que esperava ser recebido por um homem sisudo e ignorante. Para minha surpresa ele tratou-me tão cordialmente como se fôssemos velhos amigos. De igual maneira sua esposa recebeu-me quase como um filho. O homem era um senhor grisalho de bigode marcante, além de bem-humorado. Poderia demorar-me em mais parágrafos narrando a calorosa recepção, a visita ao galinheiro, o saboroso almoço e o esclarecimento de minhas intenções quanto à Luzia, mas creio que tais detalhes são triviais quanto ao que irei revelar nas próximas linhas. Para isso devo falar do filho mais novo do casal, Bentinho. O garoto tinha pouco mais de oito anos e, pelo que me recordo, puxara bastante da mãe. Sarará de olhos claros e cabelos acastanhados. No entanto, ao contrário dos pais, ele mostrou-se um pouco acanhado com o estranho que voltara com sua irmã lá do Recife. Olhar para o garoto lembrou-me de minha companheira inconveniente de escola, a senhorita timidez.

Assim que tive oportunidade, retornei aos tempos de meninice com Bentinho entre os tecos das coloridas bolinhas de gude e nos rodopios dos piões de madeira. Um tempo onde os pequeninos podiam sair e brincar até o entardecer. O dia foi-se veloz como os cavalos dos vaqueiros que guiavam o gado naquela região. Um deles voltou o olhar para a propriedade, demorando-se um pouco antes de seguir seu caminho. Fora o suficiente para despertar minha desconfiança. O tal sujeito curioso chamava-se Juarez, a quem voltarei a mencionar neste decadente aglomerado de palavras. Ao cair da noite que aparentava a semelhante calma da manhã, reunimo-nos no terraço após o jantar.

Seu José pôs-se a contar-nos histórias, variados relatos de mal assombros. Bem sabes toda a sorte de lendas que correm o imaginário popular, sobretudo no interior. Confesso-te que ele era deveras hábil nas narrações, pois até para mim que nunca foi tão crédulo em tais coisas, vez ou outra me vi arrepiado com os causos. Arrancou-me inclusive algumas risadas, como no conto em que o óbito do velho padre fora causado por um gato preto que comera toda a farta ceia a qual o clérigo havia preparado. E então o voraz felino lhe cortou a garganta enquanto o pobre coitado tentava acertar o bichano com uma vassoura. Apesar da pacata bonança, não demoraria muito até que as sombras noturnas viessem a assombrar-me. Meus olhos, já um pouco pesarosos de sono, pousavam sobre um livro enquanto ainda havia um pouco de luz nos candeeiros. *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Creio que não preciso relatar-te sobre a qualidade do romance. Naquele momento Assis, nenhum de nós viu quando Bentinho saía da casa. Acima do telhado, o pio duma coruja branca ressoou no ar como um mau agouro. “Misericórdia!” Luzia benzeu-se. Quando olhei de soslaio para meu carro, vi uma silhueta mover-se perto do canal. Era o menino.

Gritei por Bentinho, mas ele não me ouvira, parecia estar em transe enquanto caminhava até a figura que se ocultava nas canas. Atirei-me pelo terreno ao passo que Seu José vinha logo atrás, carregando uma espingarda.

Ainda corríamos quando ele foi puxado para dentro do canavial. E então ouviu-se o grito, desesperado e terrível. Seguimos no encalço por entre as sombras e a vegetação. A cada passo, uma sensação horrível tomava conta de mim, chamávamos por Bentinho e nada tínhamos em resposta. Nem gritos, nem passos, nem mesmo a vegetação à nossa frente se movia. Nada. Nada além de um inquietante silêncio, apenas interrompido pelos grilos. Caminhamos até onde a plantação findava, na beira do rio. O rio, Assis... O rio... Lá estava o menino. Bentinho jazia nas águas com um ferimento profundo na lateral do intestino. Seu José caiu com os joelhos em terra, chorando, gritando, ciente que estava diante do cadáver de seu filho.

A notícia correu cidade, embora a maldita censura tenha abafado os veículos de imprensa. As autoridades locais queriam evitar um pânico generalizado, para manter as aparências e a economia da cidade. O vigário organizou o velório de Bentinho, mostrando-se prestativo num momento de luto da família. Como disse anteriormente, achei-o jovem demais para um clérigo. Aparentava pouco mais de trinta anos e tinha uma conversa agradável. Nunca tive muito apreço por religiosos, e mesmo não tendo minha simpatia, o tal vigário Amaro cumpria bem sua designação. Não obstante, tive plena certeza de que o cruel destino de Bentinho era caso de polícia. Ainda atordoado com tamanha fatalidade, deixei Luzia com os pais e dirigi-me até a delegacia mais próxima para prestar meu depoimento.

Certamente a descrição de um vulto num canavial não seria de grande valia para a investigação, mas senti-me na obrigação de fazer algo a respeito. Até retornei ao fatídico local esperando encontrar algum vestígio. Minha procura foi em vão, era como se estivesse atrás de um fantasma. Sequer haviam pegadas ou sangue, deixando-me mais perturbado ainda. Enquanto ainda rumava pela estrada de barro, deparei-me com o vaqueiro Juarez, que com certeza não parecia satisfeito em ver-me naquela manhã. Da sela do cavalo preto, mostrou-me um olhar severo, abaixo daquele chapéu cobria-lhe os cabelos castanhos. Chegou até a janela do carro, enquanto eu me atentei

para o revólver em sua cintura. “Cê viu o que puxou o menino?” Perguntou-me num tom agressivo. Contei-lhe sobre o vulto, e pela feição irritadiça, notei que ele também ansiava ter alguma resposta concreta.

— Tá armado? — Rosnou fazendo-me a segunda pergunta, e talvez tenha cometido o erro de ser honesto com um estranho que parecia perigoso. Neguei-lhe com a cabeça. — Cuidado pra não ficar bestando por aí, principalmente de noite. Aqui, o diabo corre solto. Se fosse tu, arranjava logo um ferro. — Advertiu-me e logo pôs-se a trotar com o equino.

A despeito da delegacia, julgando pela ausência de policiais e do mato em derredor, nada fiz além de gastar gasolina naqueles poucos quilômetros. A reputação de Gravatá era duma cidade pacata com baixíssimos níveis de criminalidade, o que não justificava o completo desleixo com a segurança. Tornei para a casa envolto de temor e frustração. Talvez a paranoia estivesse a pairar sobre mim quando notei que as pessoas me dirigiam olhares carregados de desconfiança. Em meus devaneios, achei que estivessem conjecturando que de alguma forma eu fora responsável pela morte de Bentinho.

Ainda perdido em pensamentos, pisei no freio bruscamente quando um cavalo invadiu a estrada vindo do mato. Por um triz o pior não aconteceu. Dois rapazes o perseguiram desesperados. No entanto, havia algo estranho no animal, sua crina estava amarrada, completamente trançada como no relato de um daqueles mitos locais. Ponderei que não passasse duma brincadeira infantil que também caíra no âmbito das crendices. Segui com meu pesaroso caminho. O segundo dia exalava uma atmosfera completamente distinta da manhã anterior. Não haviam sorrisos largos, nem a serenidade nos olhares agora contristados. Toda alegria da casa partira com o menino. O mais terrível era não saber o porquê nem quem ou o quê... fizera aquilo com Bentinho. Como dizem, no interior todo mundo se conhece, a família não tinha inimigos e, por ora, não haviam suspeitos.

O almoço, se não fosse pelo mexer dos talheres, seria completamente silencioso. Durante as horas que se seguiram, fiz meu melhor para tentar animá-los puxando alguma conversa sobre outras histórias da cidade. Embora sem tanto sucesso em minhas tentativas, Luzia forçou um sorriso aqui e ali, embora vê-la daquele jeito entristeceu-me bastante. A noite não tardou em chegar, e com ela, mais perturbações vieram. Pouco antes do jantar, andava ocioso, encarando da casa o maldito canavial. Foi neste momento que tornei a ver outro vulto, sob a figura de um homem vagando próximo da vegetação. Encolerizado, peguei um facão com Dona Maria e saí em disparada. Quando me aproximei, percebi que era o vigário. Amaro parecia nervoso, talvez fosse a iluminação, mas notei um certo tom amarelado surgir em seus olhos. O suor corria pelo seu rosto, podia jurar que sentia nele um forte odor de enxofre. Lhe indaguei o motivo de estar ali, e ele dissera-me que caminhar durante a noite o aproximava de Deus. Mesmo sob minhas suspeitas, adverti que tomasse cuidado, sobretudo depois de algo tão terrível acontecer. Todavia, barulhos de tiros ecoaram, os disparos eram próximos.

Segui o barulho e encontrei Juarez que atirava no matagal. Para meu horror, uma menina também fora encontrada morta nas mesmas condições de Bentinho. O homem tomado de fúria, desafiava a criatura.

— Apareça Papa figo! — esbravejava e xingava ao passo que as balas voavam. — Eu vi o desgraçado! Tinha garras e dentes, botou minha prima dentro dum saco!

Enquanto o vaqueiro ainda descrevia a aparição, pude ouvir um uivo. Voltei-me correndo para a casa, sentindo o coração quase sair-me pela boca, e então, vi um grande cão preto acima do telhado. Boca aberta e dentes à mostra, vermelhos como o carmesim. Suas vítimas? Luzia e meus sogros, como cordeiros no matadouro. Juarez atirou no bicho, que foi-se correndo nas trevas. Reunindo forças no olhar para fitar aquela chacina, notei que um rosário jazia junto aos cadáveres despedaçados.

Deixo-te esta carta com alguma esperança que acredites, mas no fim, pouco importa. Afinal, verdades e mentiras estão numa linha tênue. Alguns dizem que enlouqueci depois daquela noite. Outros, que eu os matei, condenando uma família inteira a um macabro fim. Decidi voltar ao Recife, esperando que houvesse algum fio de esperança em minha vida miserável. Mas como sabes, não obtive sucesso. Rompi laços com meus familiares, larguei o Direito e tornei-me recluso, refém da bebida e de minha profunda tristeza. Minhas noites eram terríveis, sofri com pesadelos durante longos anos. Mesmo hoje ainda me recordo daquelas cenas intragáveis. Não suportava mais guardar tais fatos comigo. Escrevê-los tirou-me por um pouco do peso do que estou por fazer. Retornei à maldita cidade uma última vez, para não mais voltar. Carrego comigo uma arma que encontrei entre as coisas do meu falecido pai, e atentei-me em reservar duas balas de prata. Uma para o vigário Amaro e outra para a criatura do canavial.

Era noite de quaresma, nuvens escuras se ajuntavam no céu em meio ao luar prateado. Na celebração que antecede a páscoa, eu caminhava para cometer um pecado. Confessei-me com Amaro, falei do rancor dentro de meu peito, do desejo de vingar-me daqueles que me tiraram a pouca felicidade que tive. Antes dele dizer-me para rezar o terço, indaguei-lhe sobre seus crimes, sobre quantas pessoas ele trucidara nas noites de lua cheia. Carreguei a pistola e disparei dentro da cabine. Não busco perdão pelo que fiz caro amigo, pois já cumpri minha penitência neste inferno. Segui o conselho de Juarez e agora rumo para o mesmo canavial com uma arma em mãos, encarando a assombração que deseja matar-me na escuridão.

Cordialmente, Escobar.

Silva é um mero entediado que vez ou outra escreve algumas coisas. Formado em acumular leituras, ouvinte de podcast e dependente de café. Possui alguns contos adaptados para audiobook em canais de narradores como "Conto Um Conto", "Domínio Público Audiolivros" e "Carlos Eduardo Valente". Atualmente, Silva se aventura como roteirista de quadrinhos, buscando expressar suas ideias de forma visual e cativante.

Instagram: [silva_verso](#)

Linktree: [silva_writer](#)





Obrigado por ler até aqui! Se você gostou do nosso trabalho, compartilhe com sua família, amigos e conhecidos, assim você nos ajuda a aumentar o alcance da revista e incentiva o trabalho de autores nacionais. Nos siga também no nosso Instagram, onde publicaremos atualizações sobre o projeto.

Até a próxima edição!